

SAFRAES

ANO 4 | EDIÇÃO 19 | R\$ 7,90
DEZEMBRO 2015/JANEIRO 2016

A REVISTA DA AGRICULTURA CAPIXABA

CAFÉ DAS MONTANHAS
DO ESPÍRITO SANTO
CONQUISTAM A NORUEGA

PRÉ E PÓS-PARTO
DAS VACAS
GARANTEM AUMENTO
DA PRODUÇÃO DE LEITE

PRODUTOR DE SUCESSO
MOTIVA PECUARISTAS DE LEITE
EM EVENTO NO SUL DO ESTADO

RESERVAÇÃO DE
ÁGUA A SOLUÇÃO VEM DE
CAIXAS EM CURVA DE NÍVEL

DEVOLVAM NOSSO RIO DOCE

A SAFRA ES ACOMPANHOU OS PRIMEIROS DIAS DA AGONIA
CAUSADA PELA CHEGADA DOS REJEITOS DA SAMARCO AO RIO DOCE
E MOSTRA AS CONSEQUÊNCIAS DESSA TRAGÉDIA NO ESTADO



ALFREDO CHAVES, AFONSO CLÁUDIO E SÃO DOMINGOS DO NORTE SÃO OS DESTAQUES DO AGRINHO 2015

EM SUA 11ª EDIÇÃO, O PROGRAMA AGRINHO ABORDOU O TEMA “USO SUSTENTÁVEL DA ÁGUA”

Com tablets, TVs, medalhas, bicicletas, câmeras fotográficas e, claro, muita satisfação pelo dever cumprido; foi assim que os representantes de São Domingos do Norte, Alfredo Chaves e Afonso Cláudio voltaram para casa após a premiação da 11ª edição do Programa Agrinho. Estes municípios foram os que receberam a maior quantidade de prêmios.

A cerimônia, que ocorreu no Centro de Convenções de Vitória, no dia 26 de novembro, contou com o espetáculo Cantarerê, do Grupo Estripolia, e animou crianças e adultos que estiveram presentes.

A pequena Laisa da Vitória Ferreira, 9 anos, da escola Patrimônio de Santo Antônio, no município de São Domingos do Norte, ganhou o primeiro lugar na categoria Ensino Fundamental do 3º ano. O desenho que conquistou a primeira posição tinha o título “Início, Meio e Futuro”. Emocionada, Laisa recebeu o prêmio e contou como foi o processo de produção do desenho. “A ideia do desenho foi toda minha, e a professora me ajudou no título. Estou muito feliz por ser premiada”, afirmou.

Com o título “Planeta: Agir para salvar”, a estudante Amanda Frizzera Sperandio, 10 anos, conquistou o primeiro lugar na premiação do 4º ano do Ensino Fundamental. Amanda, que é da escola Thiers Velloso, de Itaguaçu, participou pela primeira vez do Programa Agrinho e conta como foi produzir o trabalho e ser premiada.

“Eu achei muito incrível, porque a gente faz com tanto amor e acaba ganhando. Eu quis demonstrar com meu desenho um jeito sustentável de viver, com uma forma de gastar menos água, sendo mais responsável com planeta”, disse.

Este ano, o Agrinho alcançou mais de 80 mil alunos, entre crianças e jovens, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental de 56 municípios capixabas. Foram mais de 5.000 professores que receberam a capacitação do Senar-ES e abraçaram o programa.

TEMA

O Programa Agrinho tem como objetivo discutir sobre saúde, meio ambiente, trabalho, consumo e cidadania, o tema neste ano foi o “Uso Sustentável da Água”, em que os alunos e professores puderam refletir e propor soluções para a crise hídrica. Conforme a música tocada na abertura do evento: “Agrega, agrupa, Agrinho!”, os trabalhos apresentados mostraram como as escolas e alunos conseguiram agregar valores, agrupar conhecimento e realizar trabalhos conscientes.

A superintendente do Senar-ES, Letícia Simões, cumprimentou e parabenizou alunos e professores pela dedicação nesta edição do Agrinho.

“Passamos por momentos difíceis, como a crise hídrica, mas com os ótimos trabalhos dos alunos e profes-

sores nós reforçamos o lema: ‘Desistir jamais!’, disse. O vice-presidente da Faes, Rodrigo Monteiro, representou o presidente, Júlio Rocha, e também exaltou os belos trabalhos apresentados. “Quero agradecer aos professores que executaram um excelente trabalho e ajudam na formação desses pequenos cidadãos”, complementou.

Os trabalhos foram avaliados e classificados por uma comissão de profissionais do Senar-ES. Entre os prêmios entregues estão uma motocicleta, bicicletas, impressoras multifuncionais, televisores de 32 polegadas, tablets e notebooks, além de placas de homenagem e medalhas.

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

1º Lugar: Maria Aparecida Pizoni

Maria Aparecida Pizoni de Souza Broetto, da escola EMPEIEF Goiapaboçu, de Santa Teresa, ganhou o primeiro lugar na categoria Experiência Pedagógica, com o trabalho ‘Saneamento Rural: Ações que Garantem o Futuro’. “Foi bom demais ter ganhado. É um orgulho para a turma, para a escola e para a comunidade. O Senar-ES é o nosso elo com o Agrinho que veio para enriquecer. Por isso parabéns e abraço este Programa que reconhece o nosso trabalho”.

2º Lugar: Lariza Giostri

Lariza Giostri Caetano, da Escola EMEIEF Fazenda Camilo Bride, de Itarana, conquistou o segundo lugar na categoria Experiência Pedagógica com o trabalho ‘Água Tratada, Escola e Comunidade, Sonho ou Realidade?’. “Através do apoio do Senar-ES para a realização do Agrinho o professor passa a ter a oportunidade de divulgar sua prática pedagógica de forma inovadora, promovendo troca de experiências. É uma satisfação muito grande saber que o meu projeto foi reconhecido entre tantos outros de qualidade. Foi gratificante participar e ver que o tema teve aceitação e envolvimento de todos os alunos, escola, famílias e comunidade”.

3º Lugar: Camila R. de Oliveira Queiroz

Camila Ramos de Oliveira Queiroz, da Escola Minerina da Silva Araújo, de Bom Jesus do Norte ficou com o terceiro lugar com o trabalho ‘Água: Uma Necessidade de Saber Usar: Nossa Responsabilidade’. “O Senar-ES abriu minhas ideias, e dessa forma pude trabalhar melhor o tema em sala de aula. Todo o treinamento foi bem dinâmico, e contribuiu muito para me direcionar com meus alunos. O Agrinho tem mudado a realidade das ações tanto dos alunos como das famílias, pois eles



levaram todo o conhecimento para casa e ajudaram a criar mais consciência em relação ao uso sustentável da água”.

COORDENADOR MUNICIPAL

1º Lugar: Vanuza Graciette Mees

Vanuza Graciette Mees, de Marechal Floriano, ganhou o primeiro lugar na categoria Coordenador Municipal com o trabalho ‘Água: Uma Preocupação para Marechal Floriano’. “Participo do Agrinho como coordenadora há três anos, o Programa é muito bom e tem grande credibilidade e aceitação pela escola, professores e alunos. E o Senar-ES tem grande parte nisso, pois desenvolve o Agrinho, nos apoia e ampara em tudo que a gente precisa, é uma grande parceria.”

2º Lugar: Irani Ramos de Sousa

Irani Ramos de Sousa, de Mantenópolis, conquistou o segundo lugar na categoria com o trabalho ‘Água, Atitude e Conscientização. Está em Nossas Mãos’. “O Senar-ES tem um papel fundamental pois reconhece o nosso trabalho. Já é a quarta vez que participo como coordenadora, tivemos uma boa colocação em 2014 e nos empenhamos ainda mais nesse ano. A vitória foi de todos que se envolveram e se comprometeram com o Programa. Já estamos ansiosos pelo Agrinho 2016!”.

3º Lugar: Márcia Adriana Piassi

Márcia Adriana Piassi, de São Domingos do Norte, ficou em terceiro lugar na categoria com o trabalho ‘Além dos Muros da Escola para Melhorar o Mundo’. “É uma emoção muito grande ser premiada, só de ser reconhecida como um dos melhores trabalhos do Estado já valeu a pena. Nós estamos vendo mudanças com os produtores rurais depois que implantamos o Agrinho nas escolas e isso já é o troféu. Agradecemos ao Senar-ES por desenvolver com tanto carinho e atenção anualmente esta premiação. É um grande reconhecimento a todos”.



CONHEÇA OS PREMIADOS:

EDUCAÇÃO ESPECIAL

- 1º Leonardo Vieira - Alfredo Chaves
- 2º Rayr da Silva Coutinho - Linhares
- 3º Ronivaldo Dutra Alves (In Memoriam) - Ecoporanga

EDUCAÇÃO INFANTIL

- 1º Gabriely Felício Guese - Barra de São Francisco
- 2º Ariani da Rocha Modolo- Alfredo Chaves
- 3º Yorrana Camilly Strelow - Itaguaçu

1º ANO

- 1º Gabriel Lopes Peixoto - Ibitirama
- 2º William Kumm Schulz - Domingos Martins
- 3º Danielly Pereira Evangelista - Afonso Cláudio

2º ANO

- 1º Ryckelme Raphael Veridiano Nunes - Cachoeiro de Itapemirim
- 2º Fernando Pereira de Almeida - Alfredo Chaves
- 3º Letícia Vitória Coito - São Domingos do Norte

3º ANO

- 1º Laisa da Vitória Ferreira - São Domingos do Norte
- 2º Rhuan de Freitas Marinho - Afonso Cláudio
- 3º Larissa das Graças A. F. Barcellos - Nova Venécia

4º ANO

- 1º Amanda Frizzera Sperandio - Itaguaçu
- 2º Ialis Mendes Vasconcelo P. de Araujo - São Domingos do Norte
- 3º Gabriel da Silva Lopes - Afonso Cláudio

5º ANO

- 1º Graziely Silva Martins - Afonso Cláudio
- 2º Amanda Kuhn Sezine - Marechal Floriano
- 3º Mariana Tura Oréquio Machado - Presidente Kennedy

6º ANO

- 1º Gabriel Zanetti - São Domingos do Norte
- 2º Tatiana Peterle - Alfredo Chaves
- 3º Priscilla Xavier da Silva - Mantenópolis

7º ANO

- 1º Renan Rangel Alves - Alfredo Chaves
- 2º Aristóvio dos Santos Pereira - Mantenópolis
- 3º Larissa Santos de Jesus - Linhares

8º ANO

- 1º Bruna Cavati Rossi - Alfredo Chaves
- 2º Joiciane Soares Elias - Nova Venécia
- 3º Fernanda Souza de Jesus - Barra de São Francisco

9º ANO

- 1º Alana Paiva F. Cassiano Vieira - Alfredo Chaves
- 2º Gisella de Oliveira Pessi - Águia Branca
- 3º Grazielle de Freitas Caetano de Aguiar - Marechal Floriano

Coordenador Municipal

- 1º Lugar: Vanuza Graciette Mees - Marechal Floriano
- 2º Lugar: Irani Ramos de Sousa - Mantenópolis
- 3º Lugar: Márcia Adriana Piassi - São Domingos do Norte
- 4º Lugar: Leodete Aparecida Sipolatti Loss - Santa Teresa
- 5º Lugar: Luzinete Sagrillo de Araújo Lima - Aracruz

Experiência Pedagógica

- 1º Mª Aparecida Pizoni de Souza Broetto - Santa Teresa
- 2º Lariza Giotri Caetano - Itarana
- 3º Camila Ramos de Oliveira Queiroz - Bom Jesus do Norte
- 4º Eliana Francisca do Santo Garcia - Linhares
- 5º Tiago Viana Fagundes - Água Doce do Norte
- 6º Ennio Modenese Netto - Vila Velha
- 7º Rosiane Richieri - Rio Bananal
- 8º Gleicimara Martinelli Zanotelli - São Domingos do Norte
- 9º Jesilene Soledade Magesk - Brejetuba
- 10º Andréia Ripardo Bissoli - Linhares



06 EDITORIAL

08 ACABOU-SE O QUE ERA DOCE? O DRAMA DE UM RIO

18 REVISTA SAFRA É CAMPEÃ E VICE EM PRÊMIO DE JORNALISMO

20 CAFÉ DAS MONTANHAS DO ESPÍRITO SANTO CONQUISTAM A NORUEGA

26 AGRICULTURA FAMILIAR MUDA A REALIDADE RURAL DO ESPÍRITO SANTO

28 COLUNA EM TEMPO

30 PRÉ E PÓS-PARTO DAS VACAS GARANTEM AUMENTO DA PRODUÇÃO DE LEITE

36 PRODUTOR DE SUCESSO MOTIVA PECUARISTAS DE LEITE EM EVENTO NO SUL DO ESTADO

37 ARTIGO / EDIMAR GONÇALVES CARVALHO SECA..... PROBLEMAS E SOLUÇÕES AO NOSSO ALCANCE

38 RESERVAÇÃO DE ÁGUA A SOLUÇÃO VEM DE CAIXAS EM CURVA DE NÍVEL

40 PRODUTOR DESTAQUE ELMIR BAHIANSE DA FONSECA

48 ARTIGO / RAYSA GEAQUINTO DOS CRIMES AMBIENTAIS

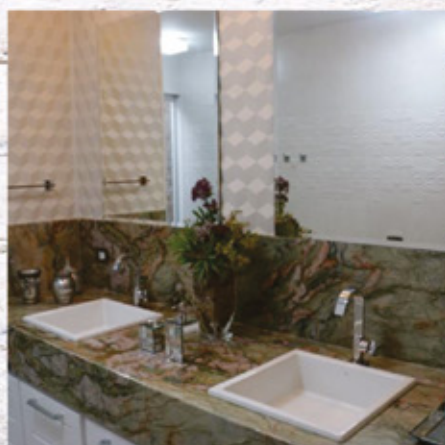
50 ARTIGO / ROBERTSON VALLADÃO DE AZEREDO QUEM MATOU O RIO DOCE?



ARQUITETURA

77 DESIGN

INTERIORES



URBANISMO

*Qualidade para sua obra.
Realização para sua vida.*

LAURO
POLIDO
DE PAULA

ARQUITETO

CAU 138475-9

lauropolido@hotmail.com

28 3553.2643 , 28 99886.6147

Rua Senador Atilio Vivacqua, 47 . Centro . Guaçuí-ES

EDITORIAL
KÁTIA QUEDEVEZ

Desta vez quero falar pouco. O conteúdo desta edição já fala por si. Atitudes de muitos produtores rurais nos consolam e nos fazem acreditar que o Brasil tem jeito.

Que enquanto pessoas acordarem cedo para produzirem o melhor que podem, com ética, dignidade e sabedoria, amenizem nossos piores sentimentos de repúdio e indignação diante da política insana que faz, por exemplo, distintos parlamentares, eleitos por nós, se esbofetearem no plenário da Câmara Federal, uma baixaria só.

Não acho isso normal, como alegado por um dos parlamentares sobre a pancadaria, como também não acho normal que uma das maiores mineradoras do mundo não compreenda até hoje o que aconteceu em Mariana (MG). Desastres existem, logicamente, mas o que mais nos preocupa é a falta de entendimento da própria companhia sobre o ocorrido. “Não podemos demonizar a Samarco”, afinal, é uma empresa que emprega milhares de brasileiros, mas é preciso localizar o erro, para não vermos novos Bentos Rodrigues.

No mais, café capixaba se destacando na Europa, atendendo aos mais exigentes gostos reais, ou ainda as experiências que estão aliando produtividade e sustentabilidade. Novas técnicas na pecuária leiteira. E uma receita infalível de sucesso: “o essencial não é ganhar muito, é gastar menos”. Matérias para muitos gostos e vários setores.

Gostaria de agradecer imensamente aos articulistas que tornaram essa edição ainda mais especial: Edimar Gonçalves, Raysa Geaquinto e Robertson Valladão. Suas participações muito nos honram e enriquecem o conteúdo da nossa publicação. Mais uma vez quero também agradecer aos parceiros de sempre Alissandra Mendes e Leandro Fidelis pelo trabalho jornalístico ímpar e exclusivo e ao meu grande amigo e parceiro Luan Ola, elogiado diretor de arte que dá estilo e beleza à nossa publicação.

Vamos que vamos! É Ano Novo, esperança de novas realizações. A você que nos acompanha, ou que por acaso está com nossa publicação em mãos, desejamos que 2016 traga com ele saúde e paz. O resto, a gente toca pra frente!

Grande abraço.

KÁTIA QUEDEVEZ
Jornalista Responsável
Comercial
MTb 18569 RJ

LUAN OLA
Projeto Gráfico / Diagramação

ALISSANDRA MENDES
LEANDRO FIDELIS
Colaboradores

EDIMAR GONÇALVES
RAYSA GEAQUINTO
ROBERTSON VALLADÃO
Articulistas

CIRCULAÇÃO:
Nos 78 municípios do estado
do Espírito Santo.

A revista **SAFRA ES** é uma publicação bimestral
da Contexto Consultoria e Projetos Ltda.

CNPJ: 06.351.932/0001-65

Endereço para correspondência:
Av. Espírito Santo, 69 - 2o. pavimento
Guaçuí - ES - CEP: 29.560-000
jornalismo@safraes.com.br

SAFRAES

A REVISTA DA AGRICULTURA CAPIXABA

ANUNCIE

Tels: 28 3553 2333 / 28 9 9976 1113

comercial@safraes.com.br | katiaquevedez@gmail.com

A marca da confiança

Agora também para a sua criação



Linha Coonutri

Coonutri é uma linha de rações destinadas à produção de gado de corte abrangendo desde a cria, recria e engorda. Produzida com ingredientes selecionados e de alta qualidade. Proporciona excelente custo benefício oferecendo um conjunto de tecnologias nutricionais balanceadas para alto desempenho produtivo. Foi criada para atender as necessidades de acordo com a categoria animal e manejo alimentar adotado no sistema de produção. Possui ótima aceitabilidade pelos animais.



Linha Cooleite

Cooleite é uma linha de rações destinadas à produção leiteira e de futuras matrizes, composta de ingredientes selecionados e de alta qualidade. Proporciona excelente custo-benefício oferecendo um conjunto de tecnologias nutricionais balanceadas para alto desempenho produtivo. Foi criada para atender as necessidades específicas no equilíbrio de dietas de acordo com o tipo de volumoso, categoria animal e manejo alimentar adotado no sistema de produção. Além disso, possui ótima aceitabilidade pelos animais.







MEIO AMBIENTE

ACABOU-SE O QUE ERA DOCE?

ACOMPANHAMOS DE PERTO OS PRIMEIROS DIAS DA AGONIA CAUSADA PELA CHEGADA DOS REJEITOS DA SAMARCO AO RIO DOCE E AS CONSEQUÊNCIAS DESSA TRAGÉDIA AO AGRONEGÓCIO CAPIXABA

LEANDRO FIDELIS / FOTOS LEANDRO FIDELIS

✉ safraes@gmail.com

Parece ironia, mas o Estado usado pela coroa portuguesa como “barreira verde”, no século 18, evitando a passagem pelo seu interior do minério extraído das Minas Gerais em direção ao mar, séculos depois se configurou no caminho natural para a lama de rejeitos de mineração em um dos maiores desastres ambientais da história recente do Brasil.

De Mariana, a mesma cidade mineira onde a corrida do ouro despertou para o seu potencial minerador, uma massa amarronzada e devastadora rompeu uma barreira, destruiu uma vila, percorreu o Rio Doce e chegou ao nosso litoral em cenas exibidas à exaustão nos noticiários. De repente, a Samarco Mineração S.A, empresa controlada pela Vale e a anglo-

-australiana BHP Billiton, virou o centro das atenções por ser a principal responsável pela tragédia.

Danos ambientais sem precedentes são verificados em um rio que já cambaleava pelo descaso das populações ao longo da sua margem e foi vitimado pela maior seca dos últimos 40 anos no Espírito Santo. O resultado foi o flagelo da fauna marinha e de espécies vegetais na calha do importante rio. O agronegócio nos municípios capixabas de Baixo Guandu, Colatina e Linhares, que são banhados pelo Doce, também sofre com as consequências.

O secretário de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), Octaciano Neto, afirma que toda a calha do Rio Doce representa 14,1% de toda a agropecuária do Espírito Santo. “O impacto na lama tem um efeito perverso para todos os proprietários rurais que estão ao longo do rio. A agricultura ali se desenvolveu ao

longo dos mais de 150 km do Rio Doce no Estado. A partir do momento em que não podemos irrigar com a abundância que poderíamos antes, em função da lama, a nossa agricultura é prejudicada”, diz.

Segundo Octaciano, os maiores prejudicados ainda são os produtores rurais às margens do Rio Doce, aproximadamente 300 proprietários de terra. “Se um produtor ficar sem produzir, a agricultura não acaba, mas para a vida dele o prejuízo é de 100%”, completou.

Para os especialistas, serão necessários até 30 anos de esforços concentrados para a recuperação do Doce. O investimento só para recuperação das nascentes é estimado em R\$ 3 bilhões.

A Revista Safra ES foi acompanhar de perto a chegada da onda barrenta ao Estado no mês de novembro. Nossa reportagem verificou tudo aquilo que talvez você já esteja cansado de assistir, mas com o olhar de quem retrata bimestralmente a vida dos produtores rurais ou tira sustento do rio, caso dos pescadores, como verá nas próximas páginas.

O biólogo e agricultor Zeferino Lauer, de 64 anos, já estava desolado muito antes de o Doce ser atingido pelos rejeitos da Samarco. Ele cultivava uma lavoura de bananas às margens do rio, a poucos metros da BR-259, em Colatina, no Noroeste. A plantação vinha sofrendo com a seca, e agora o agricultor se preocupa com a captação de água para a irrigação que garantirá o crescimento das frutas bem próximo do período de colhê-las.

Até a estiagem, Lauer bombava água do Rio Doce, mas acabou optando em captá-la de um poço artesiano da propriedade, com 135 metros de profundidade, que também teve o seu nível reduzido a quase zero este ano. “Eu ia perder a produção de qualquer maneira.” O sentimento de incapacidade só aumentou vendo sujeira da mineradora chegar ao quintal de casa. “As grandes empresas só visam lucro e não se preocupam com os riscos ao meio ambiente. Há muito desleixo em relação ao Rio Doce, que já estava poluído antes da tragédia”, diz o agricultor.

“SE UM PRODUTOR FICAR SEM PRODUZIR,
A AGRICULTURA NÃO ACABA, MAS PARA
A VIDA DELE O PREJUÍZO É DE 100%”

(OCTACIANO NETO,
SECRETÁRIO DE AGRICULTURA)



Zeferino Lauer cultiva bananas em Colatina.



Jailton Correa mantém 40 mil pés de cacau às margens do Rio Doce em Linhares.

O acúmulo de metais pesados que adentrou o Espírito Santo prejudica também outra atividade de Zeferino Lauer em Colatina: a apicultura. Como não tem flor na área, ele desloca as colmeias para outras regiões para a polinização acontecer e evitar que as abelhas busquem água no Rio Doce. “As abelhas ficam em locais úmidos, beiras de córregos e margens de rio. Como a gente desconhece as atuais condições do Doce, estou levando as caixas para o Norte. A abelha é um dos insetos mais sensíveis a tóxicos. Uma vez contaminada a colmeia, podem se passar décadas que ainda assim o resquício de veneno é suficiente para matar as abelhas.”

Em Linhares, o maior município capixaba, Jailton Correa (59) mantém 40 mil pés de cacau em duas ilhas cercadas pelo Rio Doce no distrito de Povoação, a 30 quilômetros da sede. A lama veio e só comprometeu até agora o consumo de água pelos funcionários da fazenda. A colheita está a pleno vapor- com expectativa de 30 mil quilos até janeiro- e a torcida do cacaueiro é por mais chuvas, pois as plantações encharcadas são sinônimo de boa safra. “Quando dá enchente, explode de dar cacau aqui”, disse.

Segundo Correa, a lama não interferiu na rotina da fazenda, porém o medo das consequências do desastre ambiental persiste. “O rio estava seco e não invadiu as

ilhas depois da chegada da lama. Na verdade eu esperava por água, não por lama. Só não sei o que vai acontecer”, disse o cacaueiro.

A exemplo do caso colatinense, as lavouras de cacau vinham sofrendo mais com a seca. As duas ilhas de Jailton não são irrigadas, ficam em regiões mais baixas e dependem exclusivamente das chuvas. Com o Doce prejudicado pela estiagem, o lençol freático praticamente não chegou às raízes dos cacaueiros, todos mais velhos e clonados. Foi preciso recorrer ao poço artesiano, que acabou secando também.

A chuva do início do mês limpou o leito do Doce, e os pés lotados de cacau podem parecer sinal de sorte para Jailton Correa. Ele é a face mais otimista de tudo o que vimos ao longo do rio. Assim que a colheita terminar em janeiro, os trabalhos só recomeçam em abril. Nesse período, o agricultor vai aproveitar para fazer análise do solo e conferir se os resíduos de minério oriundos da barragem de Mariana foram positivos para as plantações de cacau. “Não sei o que veio com a lama da Samarco, mas conheço muita gente que usa pó de minério como adubo. Nunca fiz o teste e estou pagando para ver”, finaliza.

DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA EM COLATINA

Saindo da zona rural dos municípios visitados pela Safra ES, presenciamos a situação dos bairros de Colatina, cujos moradores ficaram impossibilitados de consumir água do Rio Doce durante o mês de novembro. Com apoio da Prefeitura e do Exército, a Samarco distribuiu água mineral em pontos e horários marcados durante dias até a divulgação do resultado positivo do laudo que atestou a potabilidade da água dentro dos parâmetros do Ministério da Saúde. Nossa reportagem testemunhou cenas atípicas, como as de estudantes universitários tendo que



passar a noite na casa de familiares a quilômetros de distância porque faltou água nas repúblicas, caso dos amigos **Amanda Lima de Souza (21)**



e **Vinícius Quiuqui Manzoli (19)** (foto acima). O transtorno acabou fazendo as instituições de ensino suspenderem as aulas.

IRRIGAÇÃO SÓ COM MONITORAMENTO

Rica em ferro e manganês, a água do Rio Doce, por mais imprópria ao consumo in natura por humanos e ao abastecimento animal, ainda serve para a irrigação. A afirmação é do agrônomo, mestre em Microbiologia Agrícola e doutor em Solos e Nutrição de Plantas, João Batista Pavesi Simão, que palestrou recentemente em Linhares sobre o assunto.

Pavesi é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo- Ifes, campus de Alegre, e vem realizando experiências com a lama há cerca de 14 meses.

Segundo Pavesi, que estudou os rejeitos da mineradora Samarco em 2013 para um projeto que avaliou os impactos do material no solo, os resíduos não comprometem a irrigação das plantações porque os elementos estão inertes e não são absorvidos pelas plantas. “Isso acontece porque diversas variáveis influenciam no acesso das plantas às substâncias na água, como acidez e teor de areia e matéria orgânica no solo.”

O professor chegou a elogiar a decisão do titular da 3ª Vara Civil de Linhares, juiz Thiago Albani, que determinou a abertura da boca do rio. De acordo com ele, o teor de acidez do mar é menor que o do rio, o que torna as substâncias ainda menos disponíveis à absorção, sem contar o poder de dissolução do oceano. Para Pavesi, a chave é

continuar monitorando os níveis das substâncias diluídas na água do Rio Doce, analisando elemento por elemento continuamente.

O secretário de Agricultura de Linhares, Mauro Rossoni Júnior, destaca a necessidade de uma série de medidas durante a irrigação. De acordo com ele, a nova recomendação está baseada no estudo científico do químico da Universidade Federal de Viçosa, José Maurício Machado Pires, que é autor de uma tese sobre as barragens que se romperam.

“O material analisado é inerte. A maior parte dos metais pesados - chumbo, cromo e cádmio - encontrados nas amostras estão aprisionados em outro mineral chamado goethita. Esse mineral envolve o metal pesado em sua estrutura cristalina, aprisionando-o. Dessa forma, o material fica indisponível para a solução do solo e, consequentemente, não é absorvido pelas plantas”, diz Mauro.

De acordo com o secretário de Estado da Agricultura, Octaciano Neto, a irrigação é responsabilidade da Agência Nacional das Águas-ANA, já que o Rio Doce é um rio federal. O Governo do Estado já pediu a indenização de 20 bilhões de reais para a sua recuperação e, além disso, o Instituto Estadual de Meio Ambiente- Iema está realizando o monitoramento constante dos impactos e dos prejuízos ocasionados pela avalanche de lama.



João Batista Pavesi Simão.

VEJA A LISTA DE RECOMENDAÇÕES PARA IRRIGAÇÃO

- Utilizar se possível e necessário, sistema de filtragem para irrigação;
- Utilizar quando possível, sistemas de aeração e decantação;
- Aumentar a frequência de retro lavagem dos equipamentos de irrigação;
- Suspende, temporariamente, as fertirrigações;
- Recomenda-se o uso de EPI's (Equipamentos de Proteção Individual) dos operadores, quando a exposição ao serviço de irrigação for prolongada;
- Não utilizar a água do Rio Doce para pulverizações costeais manuais ou motorizadas de quaisquer lavouras.
- Para o uso da água do Rio Doce para fins específicos nas propriedades, procure um engenheiro agrônomo ou responsável técnico especializado.

PESCADORES PERDEM O SONO E O SUSTENTO

A Safra ES percorreu duas vilas de pescadores no município de Baixo Guandu, cujos moradores dependem exclusivamente do Rio Doce para o seu sustento. O clima de impotência predomina nas comunidades ribeirinhas.

E desde que os rejeitos da barragem de Fundão chegaram ao Estado, até o comércio do peixe congelado pescado antes do desastre ficou comprometido, já que os consumidores locais passaram a evitar qualquer alimento tirado do rio. Um

vendedor da cidade calcula prejuízo de R\$ 30 mil com a limitação da venda do estoque de peixe que se esgotaria até fevereiro de 2016.

Cláudio Márcio Alvarenga, mais conhecido como “Marcinho” (44), é quem tenta manter viva a espe-



A venda de peixes está comprometida na Vila de Mascarenhas.

rança de 180 homens cadastrados na Colônia de Pescadores do Rio Doce, entidade a qual preside em Baixo Guandu. Marcinho viu sua rotina mudar completamente ao primeiro sinal da lama no rio.

“A tristeza é grande demais. A princípio, pensávamos que fosse só lama, sem metais, mas a morte dos peixes logo nos dois primeiros dias nos deu a dimensão exata do impacto causado pela Samarco”, conta o pescador.

“EU TINHA

EXPECTATIVAS

DE PESCAR BASTANTE

PEIXE ANO QUE VEM.

NÃO TENHO MAIS

SOSSEGO E VIVO

PENSANDO NA

POSSIBILIDADE DE

OUTRA BARRAGEM

ESTOURAR”

(ADILSON GONÇALVES)

Tucumará, dourado, carpa, mandiaçu, pacumã, lambari, cascudo, camarão e corimba são algumas das espécies mais comuns no leito do município e garantem renda para cerca de 250 pessoas.

Para complicar ainda mais a situação, o período de defeso da piracema começou no último dia 1º de novembro e vai até 28 de fevereiro, quando os pescadores ficam impossibilitados legalmente de pescar em respeito à reprodução dos peixes.

“O pescador não tem outra atividade. Havia muito peixe antes da piracema. Nós declaramos junto ao Ibama e vendemos congelado até fevereiro. Agora, com a notícia negativa, nossa renda está comprometida”, disse João Rocha Ribeiro (49).

A poucos quilômetros do centro de Baixo Guandu, na Vila de Mascarenhas, às margens da hidrelétrica de mesmo nome, os irmãos Adroaldo Gonçalves Filho (58) e Adilson Paulo Gonçalves (54), não conseguem dormir tranquilos há quase um mês. Eles vendem peixe na Grande Vitória e não sabem como vão ficar nos próximos dois meses. “Eu tinha expectativas de pescar bastante peixe ano que vem. Não tenho mais sossego e vivo

pensando na possibilidade de outra barragem estourar”, diz Adilson.

Na ocasião desta reportagem, os trabalhadores ainda não haviam recebido do governo a parcela do pagamento relativa à piracema. Pescadores de Colatina e Linhares costumavam aproveitar essa época para pescar no mar, mas por causa da lama que já atingiu o litoral, a pesca no oceano também está proibida.

No último dia 11, o Ministério Público do Estado do Espírito Santo-MPES obrigou a Samarco a conceder aos trabalhadores um auxílio-subsistência mensal no valor de um salário mínimo (R\$ 788,00). Caso não cumpra as obrigações firmadas no termo, a Samarco ficará sujeita ao pagamento de multa diária de R\$ 1 milhão.



Marcinho.



João Ribeiro.



Represa de Mascarenhas.



FOTO DIVULGAÇÃO

‘A FAUNA AQUÁTICA VAI SE RECUPERAR’, AFIRMA PESQUISADOR

As imagens de centenas de peixes mortos às margens do Rio Doce ou de cardumes boiando talvez sejam as mais lembradas pelos brasileiros que acompanham o drama do Rio Doce. Segundo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-Ibama, mais de duas toneladas de peixes mortos foram recolhidas só no Espírito Santo. A boa notícia é que a fauna aquática vai se recuperar, só não se sabe quando.

Quem garante é o professor especialista em peixes de água doce da Universidade Federal do Espírito Santo- Ufes, campus de São Mateus, **Luiz Fernando Duboc**.

Desde 13 de novembro, ele participa de um grupo de estudos formado por pesquisadores que monitora os impactos ambientais, econômicos e sociais no Espírito Santo provenientes da tragédia ambiental. Participam mais de 70 professores e pesquisadores, entre biólogos, engenheiros ambientais, oceanó-

grafos, economistas, assistentes sociais, veterinários e filósofos.

Duboc analisa que muitas espécies de peixes, crustáceos e moluscos já vinham sendo devastadas antes mesmo da lama. “O surubim, por exemplo, já estava ameaçado de extinção por conta da instalação de barragens elétricas no rio. O impacto recente é bastante significativo para as espécies, porém os afluentes não morreram. Com a recuperação da Bacia do Doce, os animais certamente vão retornar.”

A conclusão se baseia em uma experiência do professor em outra tragédia nacional, a do vazamento de 4 milhões de litros de óleo no Rio Iguaçu, no Paraná, em 2000. A fauna na bacia vem se reestabelecendo nos últimos 15 anos.

Para o especialista, no caso mineiro e capixaba, embora não seja possível calcular o déficit, as populações aquáticas diminuíram, no entanto, não vão desaparecer totalmente. “A fauna vai se recuperar, uma vez que

só a calha do Rio Doce foi afetada. Só é impossível calcular o tempo.”

Quanto à morte rápida das espécies, o professor diz que a lama diminui a disponibilidade de oxigênio na água e provavelmente ocorreu uma asfixia física nos peixes e crustáceos. No caso de contaminação dos animais por metais pesados, Duboc afirma que a morte seria mais lenta.

Outro fator que chama a atenção do especialista é o aparecimento às margens do Rio Doce de peixes exóticos mortos. “Isso revela um desequilíbrio ecológico anterior ao desastre da Samarco. Pelas imagens divulgadas, se percebem muitas espécies introduzidas no rio, que não são endêmicas. São duzentos anos de deterioração causado pela mineração, como a própria história confirma.”

Luiz Fernando Duboc disse esperar por um planejamento eficiente para recuperar a Bacia do Rio Doce, com reflorestamento próximo às nascentes e cuidados com o lixo.

FORÇA-TAREFA PARA SALVAR PEIXES

O resgate de peixes do Rio Doce vem mobilizando frentes de trabalho organizadas por diferentes instituições dentro e fora do Espírito Santo. Viveiros artificiais estão recebendo os animais, mas a sua reintrodução ao habitat natural divide opiniões.

Em Linhares, o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), em parceria com outros órgãos e pescadores, disponibilizou nove tanques escavados na sua Fazenda Experimental para receber os peixes retirados do rio.

De acordo com a coordenadora de aquicultura e pesca do Incaper, Lucimary Ferri, o Instituto apoia toda ação que venha a minimizar os impactos que o Rio Doce está sofrendo. “Essa ação irá contribuir para que seja feito um banco genético de espécies

nativas do rio. Elas serão colocadas em viveiros artificiais para, no futuro, repovoar o Doce.”

A ação realizada na Fazenda do Incaper é capitaneada por uma empresa contratada pela Samarco, em cumprimento à condicionante ambiental exigida pelo Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema).

Em outra mobilização, pesquisadores do Instituto Chico Mendes, em Pirassununga (SP), resgataram peixes antes de serem atingidos pelos rejeitos provenientes de Mariana (MG). O objetivo é reproduzi-los em laboratório e, com isso, ajudar a recuperar a vida do rio no futuro. O salvamento ocorreu em uma usina hidrelétrica no trecho do Rio Doce que passa pelo município de Baixo Guandu.

Também participaram de operações no município, com ajuda de populares, a Associação de Pescadores de Mascarenhas, o Instituto



Tanques aerados do Ifes Itapina (Colatina).

Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis- Ibama e as secretarias municipais de Meio Ambiente e de Desenvolvimento Rural de Baixo Guandu.

No setor de aquicultura do campus do Instituto Federal do Espírito Santo- Ifes de Itapina, em Colatina, dois tanques emergenciais com aeradores receberam mais de 1.500 peixes resgatados do Rio Doce em Regência (Linhares). São cerca de 17 espécies, incluindo crustáceos, que estão em quarentena.

Segundo o engenheiro de pesca e coordenador do setor, José Nailton Canuto, a maior preocupação é com a nutrição dos animais, uma vez que os peixes não se adaptaram à ração. “É tudo muito recente na nossa unidade. A Prefeitura cedeu quatro bombas, e a Samarco prometeu fornecer mais equipamentos para a manutenção desses peixes.”

O manejo dos animais e a reintegração deles ao rio também estão indefinidos. O assunto vem sendo debatido junto ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Peixes Continentais- Cepta e ao Instituto Chico Mendes, envolvendo uma gama de especialistas, além de alunos dos Ifes de Alegre e Píuma. De acordo com Canuto, serão necessários pelo menos de cinco a sete anos de estudos.

Isso porque, apesar da aparente contribuição, o manejo das espécies encontra barreira em uma resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente- Conama, de 2010, que regulamenta o transporte e a criação de organismos aquáticos. Nos viveiros, o banco genético das espécies é modificado e já não condiz mais com a realidade do ecossistema anterior, podendo gerar um desequilíbrio ecológico caso os peixes e crustáceos sejam reinseridos no rio.



Canuto: preocupação com a nutrição dos peixes.

ESPÉCIES RECOLHIDAS E ENCAMINHADAS PARA VIVEIROS

Lambaris, carpas, carimbas, alevinos de dourados, cumbaca (raro), cascudos endêmicos, piaus brancos, curimbas, bagre africano (raro), alevinos grandes de pacumã, alevinos de moreira,

lagostas grandes e pequenas, camarões, lagostinhas, peixes-agulhas, caranguejos, traíras médias, moluscos bivalves, gastrópodes, enguias ou sarapós, pitus ou carangonços, lagostas vermelhas, cambuiti, tu-

cunarés, alevinos de piau vermelho, lambaris, alevinos de tilápia, cascudo lixa grande, corvinas, alevinos de corvina, mandiaçus, sapateiros, óscares, mussum e tainhas.

FOTÓGRAFO CONTRIBUI PARA RECUPERAR A MATA ATLÂNTICA E O RIO DOCE

Inconformado com a tragédia causada pela Samarco no Rio Doce, o fotógrafo de fama internacional Sebastião Salgado chegou a se reunir com a presidente Dilma Rousseff para apresentar ideias para recuperar o rio. A entrada de Salgado nesse contexto é só mais um capítulo da história iniciada há 17 anos no quintal de casa, exatamente à margens do rio.

“Esse desastre foi terrível, mas a morte do Vale do Rio Doce começou muito antes disso. Eu venho presenciando, há décadas, essa situação. Mas estamos lutando, com projetos de recuperação ambiental para reverter isso. A maioria dos pequenos e médios rios da Bacia, com a seca deste ano, já não correram. Nós temos o Vale mais degradado do Brasil, com só 0,5% de cobertura florestal. Está morrendo numa velocidade incrível”, disse em entrevista para um site de notícias.

Salgado é o responsável por colocar cerca de 7.500 hectares de áreas degradadas de Mata Atlântica em processo de recuperação na região do Vale do Rio Doce. Desde 1998, mais de 4,5 milhões de mudas de espécies de Mata Atlântica foram produzidas para reflorestar áreas desmatadas e mais de mil nascentes da importante bacia do Rio Doce estão sendo recuperadas.

Esses são alguns dos resultados obtidos pelo Instituto Terra, ONG fundada pelo fotógrafo e sua mulher, Lélia Wanick Salgado, que desenvolve projetos de recuperação e educação ambiental na cidade mineira de Aimorés, na divisa com a capixaba Baixo Guandu.

O verde da Mata Atlântica foi restabelecido numa área antes completamente degradada pelo uso inadequado dos recursos naturais. Nascentes voltaram a jorrar água e espécies da fauna brasileira, em risco de extinção, agora tem um refúgio seguro. Toda essa transformação de paisagem ocorreu em pouco mais de uma década, em uma antiga fazenda de gado transformada na Reserva Particular de



Patrimônio Natura- RPPN Fazenda Bulcão, sede do Instituto Terra.

O instituto está perto de concluir um projeto de recuperação de Mata Atlântica que está entre os maiores do Brasil em termos de área contínua. Trata-se da recuperação de 608,69 hectares da Fazenda Bulcão, totalmente degradada quando recebeu o título de RPPN, em 1998. Atualmente, a área total da fazenda é de 709,84 hectares. O título conserva seu ineditismo por ser a primeira RPPN constituída em uma área degradada de Mata Atlântica com o compromisso de vir a promover um processo de recuperação ambiental associado a atividades educacionais.

Ano após ano, com o apoio de importantes parceiros - tanto da esfera governamental como da iniciativa privada, bem como de doadores individuais de vários países e de outras instituições do Terceiro Setor -, já foi possível viabilizar o plantio de mais de 2 milhões de mudas de árvores na RPPN Fazenda Bulcão, originando uma floresta que hoje abriga mais de 293 espécies florestais arbóreas e arbustivas originárias de Mata Atlântica.

Além disso, a partir do programa Olhos D'Água, o Instituto Terra tem como meta proteger e revitalizar todas as nascentes do Rio Doce. O trabalho já foi iniciado e soma a proteção de mais de 1.000 nascentes

de afluentes desta importante bacia hidrográfica. “O Rio Doce é minha vida. Nasci e cresci nas suas margens, e acompanhei a degradação desse ecossistema. Eu estou dedicando uma parte da minha vida, a minha esposa está dedicando uma parte da vida dela, o conselho diretor do Instituto Terra está dedicando uma parte da vida deles para salvar o rio. Nós criamos uma instituição responsável e que está trabalhando na base, com as prefeituras e com os governos, e nós vamos recuperar o rio. Não tenho dúvida disso.”

TRAGÉDIA DE MARIANA ENTENDA O CASO

05 de novembro - Duas barragens da mineradora Samarco se rompem na cidade de Mariana em Minas Gerais, por volta das 15h30.

06 de novembro - Governo de Minas Gerais embarga licença da Samarco em Minas Gerais.

06 de novembro - O Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil resgataram pelo menos 500 pessoas que estavam ilhadas no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, após o rompimento das barragens.

08 de novembro - Rejeitos de lama chegam à cidade mineira de Governador Valadares e a captação de água do Rio Doce é interrompida.

12 de novembro - Presidente Dilma Rousseff anuncia multa inicial de 250 milhões à Samarco.

16 de novembro - Onda de lama chega ao Espírito Santo, na cidade de Baixo Guandu.

21 de novembro - Lama chega ao Oceano Atlântico.



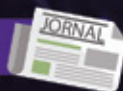
O Sistema OCB-SESCOOP/ES parabeniza os profissionais de comunicação do estado do Espírito Santo, que participaram do 9º Prêmio de Jornalismo Cooperativista. Agradecemos o esforço, o profissionalismo e a dedicação de todos vocês, que fizeram parte do Cooperativismo Capixaba!

TELEJORNALISMO



- 1º LUGAR: ANDRESSA TRAJANO - TV VITÓRIA
2º LUGAR: FÁBIO LINHARES - TV GAZETA
3º LUGAR: EWERTON CORREA - TV GAZETA SUL

IMPRESSO



- 1º LUGAR: LEANDRO FIDELIS - REVISTA SAFRA
2º LUGAR: LEANDRO FIDELIS - REVISTA SAFRA
3º LUGAR: FRANCO FIOROT - REVISTA CAMPO VIVO

CINEGRAFIA



- 1º LUGAR: ALBERTO LEITE - TV TRIBUNA
2º LUGAR: JORGE LUIZ COUTINHO - TV EDUCATIVA
3º LUGAR: MATHEUS MARTINS - TV GAZETA SUL

FOTOGRAFIA



- 1º LUGAR: JULIO CEZAR HUBER - O NOTICIÁRIO
2º LUGAR: BRUNO FAUSTINO - MONTANHAS CAPIXABAS
3º LUGAR: JULIO CEZAR HUBER - O NOTICIÁRIO

WEBJORNALISMO



- 1º LUGAR: GUSTAVO SANTOS - GAZETA ONLINE SUL
2º LUGAR: JULIO CEZAR HUBER - MONTANHAS CAPIXABAS
3º LUGAR: FRANCO FIOROT - PORTAL CAMPO VIVO

RADIOJORNALISMO



- 1º LUGAR: ANDRÉ LUIS DE MATOS - RÁDIO DIOCESANA
2º LUGAR: FRANCO FIOROT - RÁDIO GLOBO LINHARES
3º LUGAR: ANDRÉ LUIZ FALCÃO - CBN E GAZETA AM

VOTO POPULAR



CINEGRAFISTA
ALBERTO PIRES LEITE
TV TRIBUNA

1.599
votos!

ACOMPANHE NOSSO FACEBOOK PARA SABER MAIS
E AGUARDE O LANÇAMENTO DA NOVA EDIÇÃO!



/premiojornalcoop
#premiojornalcoop

WWW.PREMIOJORNALISMO.COOP.BR

Realização

Patrocínio

Apoio

Produção



REVISTA SAFRA É CAMPEÃ E VICE EM PRÊMIO DE JORNALISMO

COM REPORTAGENS DE LEANDRO FIDELIS, A REVISTA VENCEU
AS DUAS PRIMEIRAS COLOCAÇÕES NA CATEGORIA JORNALISMO
IMPRESSO DO 9º PRÊMIO DE JORNALISMO COOPERATIVISTA



A Revista Safra ES se consolidou como um dos veículos mais premiados da história do Prêmio de Jornalismo Cooperativista, promovido pela Organização das Cooperativas Brasileiras- OCB/ES. No dia 27 de novembro, a publicação faturou as duas primeiras colocações na categoria Jornalismo Impresso.

As duas reportagens são assinadas pelo jornalista Leandro Fidelis, colaborador da revista, e venceram outras três finalistas da categoria. A decisão foi do júri técnico, coordenado pelo professor José Antônio Martinuzzo, da Universidade Federal do Espírito Santo- Ufes.

A reportagem campeã foi publicada em destaque na última edição da Safra ES e mostra a experiência em cooperação na Província de Trento, na Itália (“As lições de Trento para o Espírito Santo”- edição 18- setembro/outubro de 2015). O jornalista passou três dias visitando as principais cooperativas trentinas e traçou um paralelo com as entidades capixabas.

“Foi a minha primeira reportagem internacional e tive o total apoio da editora Kátia Quevedez

para levar a apuração adiante e trazer boas notícias do Norte da Itália, local de onde saiu a maioria dos imigrantes que colonizaram o Espírito Santo”, conta Fidelis.

Já a segunda colocada estampou a edição número 17, de julho/agosto (“Avicultura de postura: produção automatizada reduz mão-de-obra e aumenta qualidade em Santa Maria”), e trouxe um raio-x da atividade na cidade mais pomerana do Estado. Em Santa Maria de Jetibá, as granjas se modernizaram para atender o mercado, e a Cooperativa Agrícola Centro-Serrana- Coopeavi tem sido fundamental nesse processo.

É o quarto troféu de Leandro Fidelis representando a revista. Em 2013, o jornalista venceu a

categoria Jornalismo Impresso do prêmio cooperativista e, no início deste ano, conquistou o segundo lugar na categoria Imagem Jornalística da etapa estadual do Prêmio Sebrae de Jornalismo.

“Os quatro troféus pela Safra ES são resultado de um trabalho em equipe. A revista me dá liberdade editorial, confia nas minhas sugestões de pauta, e ainda conta com um diagramador incrível e sensível aos assuntos, que é o Luan Ola. Ele consegue deixar qualquer reportagem ainda mais atrativa para o leitor”, destaca o jornalista.

RECORDISTA

Com os últimos dois prêmios cooperativistas, a revista soma nove títulos no concurso da OCB/ES, sete deles conquistados só na edição de 2013, quando superou alguns dos principais veículos do Estado.

O Prêmio de Jornalismo Cooperativista envolve a participação dos principais veículos de comunicação capixabas e tem como objetivo contribuir para a educação cooperativista e incentivar a divulgação das ações e dos projetos socioeconômicos do cooperativismo capixaba. Em nove edições, foram cerca de 800 matérias inscritas, sendo 131 candidatas só nesta última edição.





SELITA DISTRIBUI R\$ 4 MILHÕES ENTRE COOPERADOS

O VALOR ENGLOBALA SOBRAS FINANCEIRAS E CESTAS COM PRODUTOS.

Comprovando seu comprometimento com o cooperado e sua gestão eficaz, desde o dia 10 de dezembro, a Cooperativa de Laticínios Selita realiza a entrega da antecipação das sobras referente ao exercício de 2015 e a cesta de produtos para os mais de 2 mil associados, distribuídos em diversos municípios capixabas, mineiros e cariocas.

As primeiras entregas ocorreram em Alegre, Rio Novo do Sul, Atílio Vivácqua, Presidente Kennedy, Muniz Freire, Jerônimo Monteiro, Itapemirim e Cachoeiro de Itapemirim, onde mensalmente são realizados os comitês educativos.

“Este é um momento muito significativo para a Cooperativa. Mesmo diante de um ano difícil, principalmente pela crise hídrica que nos atingiu, todos os cooperados estão recebendo, além da tradicional cesta, quatro centavos por litro de leite enviado durante o ano. Tudo isso atinge cerca de R\$ 4 milhões distribuídos entre os associados”, explica o presidente, Rubens Moreira.

Ainda segundo Rubens, esse benefício só foi possível em razão das medidas que foram adotadas desde o início da gestão, visando reduções nos custos, maior eficiência e melhor produtividade nos negócios. “Trabalhamos para racionalizar os processos e reduzir gastos em vários setores, como indústria, transporte e administração, sem perder a qualidade e com muita responsabilidade com o corpo colaborativo e social da empresa.”

Para o cooperado Joelso Moreira, de Cachoeiro, a Selita merece reconhecimento pelo benefício pago ao cooperado. “Esses quatro centavos representam a rentabilidade da empresa e é importantíssimo

para cooperado cumprir com seus compromissos de fim e início de ano.”

“Isso representa um décimo terceiro para nós cooperados. Temos que parabenizar a Selita e toda a diretoria pelo trabalho que vem sendo realizado e que agora, nos proporciona esse ganho”, afirma o cooperado Clecir Barbosa da Silveira, de Alegre.





DAS MONTANHAS DO ES PARA OS FIORDES NORUEGUESES

DEPOIS DE CONQUISTAR A REALEZA DA NORUEGA, CAFÉS PRODUZIDOS NA REGIÃO SERRANA CAPIXABA ABREM MERCADO NO PAÍS

LEANDRO FIDELIS

✉ safraes@gmail.com

No Palácio de Oslo, na Noruega, cafés originários das montanhas do Espírito Santo há seis anos regam as refeições matinais da família real. O café orgânico Heimen é produzido na fazenda mantida pelos nobres em Pedra Azul, no município serrano de Domingos Martins.

Em novembro, a equipe técnica da propriedade rural participou de uma missão no país nórdico para expandir os negócios para além dos aposentos reais. Afinal, a Noruega já é considerado o maior consumidor per capita do mundo, com dez quilos anuais por pessoa, contra três quilos atuais no Brasil, segundo dados da Norsk Kaffeinformasjon, entidade norueguesa que regulamenta a atividade comercial cafeeira no país.

O idealizador desse projeto de comércio exterior é o empresário norueguês radicado no Brasil Erling Sven Lorentzen, de 92 anos, viúvo da princesa Ragnhild Alexandra da Noruega. Aos pés da Pedra Azul, ele plantou 8.000 pés de café arábica, que são adubados com esterco dos cavalos da raça fjord, de origem no-



Lorentzen: influência da realeza para expandir mercado.

rueguesa. Da produção anual de 500 quilos, apenas 10% vão para a realeza.

No mês passado, Lorentzen recebeu o degustador e barista Vagner José Uliana e Jorge Ichaso, gerente do Fjordland- Cavalgada Ecológica Pedra Azul, empreendimento turístico do mesmo empresário e que oferece

passaios com cavalos fjord, para um roteiro de dez dias pelas mais conceituadas cafeterias da Noruega e da Escandinávia. Segundo Uliana, foi estabelecido um acordo para o Heimen Coffee aumentar sua produção e garantir comércio nos próximos anos com a terra dos vikings.

A NORUEGA JÁ É CONSIDERADO O MAIOR CONSUMIDOR PER CAPITA DO MUNDO, COM DEZ QUILOS ANUAIS POR PESSOA



Vagner Uliana: caçador de grãos especiais.



Turistas na cafeteria em Pedra Azul.



“Nós fizemos uma apresentação para cerca de quarenta pessoas, entre representantes de várias torrefações, que são o mercado comprador de café dos produtores; além de pequenos e grandes empresários. Nosso café fez bastante sucesso”, destaca Jorge Ichaso.

O degustador e barista Vagner Uliana avalia que a boa aceitação dos noruegueses aponta que a produção do Heimen Coffee está no caminho certo. “Nossos procedimentos na plantação e no

pós-colheita estão resultando num produto de qualidade superior. Nós temos um modelo de produção orgânica que pode ser reproduzido por qualquer produtor. Estamos sempre à disposição dos produtores, especialmente os menores, para dividir nossa experiência, fortalecer o setor e divulgar a qualidade do café das montanhas capixabas.”

Para alcançar sabores superiores, a produção aposta no “terroir” local, o alcance de notas frutadas devido à presença de outras culturas próximo

às plantações e o clima considerado um dos melhores do mundo. “O carinho e a dedicação de todos os envolvidos são outros ingredientes”, completa o degustador e barista.

Só para se ter uma ideia, o café preferido da família real norueguesa alcançou nota máxima de 92,3 ao paladar de um especialista. Pela classificação mundial, bebidas com nota acima de 80 já são considerados de qualidade. “Na torra, a acidez do nosso café garante um sabor frutado superior”, diz Uliana.

UMA HISTÓRIA DE AMOR PELO BRASIL



Lorentzen com a mulher, a princesa Ragnhild...



...E entre Uliana e Ichaso durante missão na Noruega.

O norueguês Erling Sven Lorentzen conta que conheceu o Brasil na década de 1950, quando se mudou com a família para o país. “Naquela época não se falava em cafés especiais, mas sempre notei que o produto nos supermercados brasileiros eram inferiores aos vendidos na Noruega”, destaca o empresário.

Lorentzen conta que chegou a Pedra Azul no final dos anos 80. “Eu e minha mulher ficamos apaixonados pelas belezas

naturais da região, os moradores e a cultura local e por isso adquirimos a propriedade.”

Não demorou muito para começarem a produzir café, com a adoção de medidas sustentáveis e favorecidos pelas sombras das florestas, que garantem sabores raros aos grãos. Os trabalhos são coordenados pelo engenheiro agrônomo Edimar Binotti Júnior.

“Sempre que íamos para a Noruega levávamos café para presen-

tear os meus familiares e os dela, no palácio real”, diz o norueguês.

Lorentzen conta com apoio dos três filhos para tocar os empreendimentos em Pedra Azul, entre eles a cafeteria que fica no coração do Fjordland, na Rota do Lagarto. E se você ficou com vontade de experimentar o café favorito da família real norueguesa, a única oportunidade dos “plebeus” é aproveitar as férias e dar uma passadinha nesse pedaço da Noruega no Espírito Santo.

FAZER A DIFERENÇA
PARA O MUNDO E
TER O RECONHECIMENTO.

NÃO É SÓ
MÁRMORE
E GRANITO
É MARBRASA

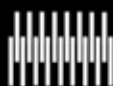


Prêmio
Ecologia
2015

A Marbrasa foi reconhecida por seu empenho com o meio ambiente, ao ganhar o Prêmio Ecologia, fruto de seu projeto de reaproveitamento de água da chuva e reuso da utilizada na produção. Um processo muito importante para compensar o consumo hídrico e evitar o desperdício. Quem se preocupa com o futuro, se dedica no presente.



Foto Thiago Guimarães - Secom-ES



MARBRASA
Mármore e Granitos do Brasil

AGRICULTURA FAMILIAR MUDA A REALIDADE RURAL DO ESPÍRITO SANTO

DE NORTE A SUL DO ESTADO, A AGRICULTURA FAMILIAR MOSTRA SUA BELEZA, EFICIÊNCIA ECONÔMICA E CAPACIDADE DE GERAR EMPREGOS E POSTOS DE TRABALHO

ALISSANDRA MENDES

✉ safraes@gmail.com

O Espírito Santo possui a vocação agrícola como um fator determinante na economia, e a agricultura é um das principais responsáveis pelo desenvolvimento. Atualmente, 80% dos que estão nesse ramo de atividade fazem parte da agricultura familiar, que é responsável por 44% do valor bruto na produção do estado.

Das 84 mil estabelecimentos rurais no estado, 67 mil, ou seja, 80% são da agricultura familiar. A atividade é responsável por 207 mil dos 317 mil postos de trabalho na agricultura capixaba, de acordo com dados da agricultura familiar no Espírito Santo levantados pelo IBGE no censo de 2006.

É considerado agricultor familiar ou empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades em propriedades de até quatro módulos fiscais utilizando, predominantemente, mão de obra da própria família e que tenha

“A AGRICULTURA
FAMILIAR COLOCA
NA MESA DOS
BRASILEIROS
E CAPIXABAS
QUASE 70% DOS
ALIMENTOS QUE
CONSUMIMOS
TODOS OS DIAS”



FOTO INCAPER

Das 84 mil estabelecimentos rurais no estado, 67 mil, ou seja, 80%, são da agricultura familiar

a renda originada da atividade. A agricultura familiar representa 36% da área total agrícola do Espírito Santo.

De acordo com o gerente de Agricultura Familiar da Seag e secretário Executivo do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável (CEDRS), Luiz Carlos Bricalli, desde 2003, tanto o governo federal quanto o estadual tem realizado diversos programas, projetos e ações de políticas públicas para fortalecer o segmento, que hoje coloca à mesa dos brasileiros e capixabas quase 70% dos alimentos que consumimos todos os dias.

Os dados do IBGE revelaram que a agricultura familiar foi capaz de reter um maior número de pessoas ocupadas. No ano da pesquisa, foi mais de duas vezes superior aos números de ocupação gerados pela construção civil. “Felizmente, hoje, as áreas rurais têm mais oportunidades e, com isso, os agricultores familiares passaram a ter opção de escolher se querem ou não permanecer no campo. Muitos estão conseguindo produzir mais, vender mais e ter melhor qualidade de vida. A agricultura familiar passou a ser sinônimo de ‘coisa boa’”, afirma Bricalli.



FOTO INCAPER

A atividade é responsável por 207 mil dos 317 mil postos de trabalho na agricultura capixaba



As Mulheres de Pedra Lisa, em Cachoeiro de Itapemirim, vendem os produtos da agroindústria na Feira da Agricultura Familiar

MULHERES TAMBÉM CONQUISTARAM ESPAÇO

Quando falamos em agricultura familiar pensamos logo nas atividades que são desenvolvidas pelos homens. Mas não podemos deixar de fora as mulheres. A cada ano, elas vêm conquistando seu espaço e muitas já são responsáveis pela renda familiar. Dentro de agricultura familiar, 52% são de atividades de agroindústria, e cerca de 80% dessas agroindústrias são coordenadas pelas mulheres, outros 78% são de artesanato.

A revista Safra ES já apresentou em suas páginas várias atividades que são coordenadas por elas:

- Associação das Mulheres da Prata, em Anchieta – uma agroindústria formada por 22 mulheres, que além de aumentar a renda familiar, é exemplo para outras mulheres na atividade rural do Espírito Santo. Elas romperam barreiras e preconceitos e encontraram na atividade o reconhecimento no mercado;
- Maria da Penha Pancieri Pinto, de Conceição do Castelo, é a responsável pela agroindústria Marip. Ela começou com a fabricação artesanal há 28 anos e desde então, a atividade é a principal fonte de renda da família;
- Mulheres de Pedra Lisa – uma agroindústria formada por sete mulheres na localidade de Pedra Lisa,

em Cachoeiro de Itapemirim, que tem sede própria e já conquistou seu espaço. Elas vendem a produção na Feira da Agricultura Familiar na sede do município e em feiras pelo estado;

Já na área de artesanatos, é comum a utilização de materiais existentes dentro da propriedade rural para a fabricação dos produtos. Além disso, em muitas vezes, o trabalho do homem é acompanhado pelo trabalho da mulher. Como por exemplo,

eles estão à frente das atividades de pecuária, já elas cuidam do processamento de derivados do leite. O queijo, geralmente, é feito por elas.

As mulheres desempenham um papel muito importante no processo de desenvolvimento sociocultural e econômico no meio rural. Além de participar diretamente das atividades agrícolas ou não, elas contribuem decisivamente para a manutenção de tradições da agricultura familiar.

FOTO INCAPER



As mulheres desempenham um papel muito importante no processo de desenvolvimento sociocultural e econômico no meio rural

GOVERNO INCENTIVA A AGRICULTURA FAMILIAR

Para atender a agricultura familiar no Espírito Santo, o Governo do Estado vem realizando diversos programas que ofereçam suporte e qualidade de vida aos agricultores. O mais recente é o Fundo Social de Apoio à Agricultura Familiar (Funsaf), que é uma parceria entre o Governo Estadual e Federal, através do BNDES. De início, o Fundo começa com R\$ 12 milhões. O primeiro edital, de R\$ 3 milhões, já está disponível e o segundo será publicado no início de 2016.

O programa tem como público alvo as associações e cooperativas de agricultores familiares; e instituições que desenvolvam pesquisas agropecuárias e instituições prestadoras de serviços de assistência técnica e extensão rural, desde que os seus serviços guardem estrita pertinência com a agricultura familiar.

“Não há prioridade no Funsaf. Vamos contratar projetos que podem ser da pecuária, agricul-



Segundo Luiz Carlos Bricalli, o resultado esperado é o fortalecimento da dinâmica organizacional e produtiva da agricultura familiar

tura, piscicultura, organização rural, entre outros. Queremos que seja de fato um bom projeto, e que vá desenvolver a comunidade e o município, além de gerar renda e proteger o meio ambiente”, disse Luiz Carlos Bricalli.

O resultado esperado é o fortalecimento da dinâmica organizacional e produtiva da agricultura familiar, permitindo

que os grupos organizados através de associações e cooperativas possam melhorar os seus processos de produção, beneficiamento e comercialização contribuindo para um desenvolvimento mais equilibrado e sustentável das áreas rurais capixabas; e inovação na gestão dos recursos públicos permitindo um acesso mais democrático e transparente à sociedade.

PREFEITURAS DO SUL DO ESTADO INVESTEM NOS AGRICULTORES

No início de dezembro, a Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim lançou o ‘Programa Municipal de Apoio às Organizações da Agricultura Familiar’. Com a iniciativa, associações e cooperativas do campo podem contar com recursos do Fundo de Desenvolvimento Rural Sustentável do município para adquirir equipamentos e materiais necessários para a produção, beneficiamento, armazenamento, transporte e comercialização de produtos.

A lei que institui o programa foi sancionada em reunião do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável. Agora, os empreendimentos coletivos rurais precisam aprovar projetos em chamadas públicas para obter verba do fundo.

Com o programa, as próprias associações e cooperativas selecionadas – e não mais a prefeitura – farão o processo de compra, mediante a assinatura de convênio com o município e posterior

prestação de contas. A expectativa é investir R\$ 300 mil em iniciativas que contribuam para o desenvolvimento no campo.

Além disso, os agricultores podem vender seus produtos na Feira da Agricultura Familiar, que acontece uma vez por semana na sede do município.

“A Feira é uma excelente oportunidade para todos nós, pequenos agricultores. Toda nossa produção é vendida e conseguimos ter uma renda segura para

nossa família”, disse Leonardo Ventura, agricultor e presidente da Cooperativa de Agricultura Familiar (CAF-Cachoeiro).

A Prefeitura de Conceição do Castelo também investe e incentiva a agricultura familiar. A Feira da Agricultura Familiar é uma das ações do município para beneficiar os pequenos produtores. Ao todo, são 17 barraquinhas entre alimentação e artesanato. A Prefeitura oferece a infraestrutura e cursos para os feirantes.

Em Guaçuí, a Feira do Agricultor Familiar é um espaço para comercialização de alimentos livres de agrotóxico, no sistema agroecológico e orgânicos, e também um local para os artesãos do município mostrarem seu trabalho. Atuam na feira grupos de agricultores familiares beneficiários do projeto “Programa Agroecológico Integrado e Sustentável” (PAIS), uma metodologia de produção de hortaliças, frutíferas e criação de pequenos animais com bases agroecológicas, sem uso de agrotóxicos; grupos de artesãos da Associação Guaçuense de Produtores de Artesanato (Aguapa); e grupos de artesãos do Centro de Inclusão Sócio Produtiva do município.

O critério para participação na feira é que a produção atenda aos princípios agroecológicos, ou estejam em conversão para o sistema orgânico de produção, conforme legislação federal que estabelece normas para a agricultura orgânica. Além disso, a Prefeitura realiza cursos, em



Em Guaçuí, a Feira do Agricultor Familiar é um espaço para comercialização de alimentos livres de agrotóxico

FOTO DIVULGAÇÃO

parceria com o Sebrae-ES para fomentar a atividade entre as famílias rurais do município.

Em Castelo, a Feira Livre da Agricultura Familiar existe há nove anos, e colabora com a melhoria da renda familiar de 32 famílias que compõem a Associação. Toda semana são comercializados mais de 50 itens

da agroindústria familiar em 26 barracas, no centro da cidade.

Os produtos ofertados na feira, possuem selo de inspeção municipal e são manipulados de acordo com as normas da Vigilância Sanitária do município, além de serem cultivados de forma mais natural, com pouco ou nenhum uso de agrotóxicos.



A Prefeitura de Conceição do Castelo também investe e incentiva a agricultura familiar com a feira dos agricultores

FOTO DIVULGAÇÃO

VEÍCULOS . ASSISTÊNCIA TÉCNICA . PEÇAS E SERVIÇOS COM A GARANTIA DE QUALIDADE FORD
CONDIÇÕES DIFERENCIADAS PARA PRODUTORES RURAIS



A FAMÍLIA DICAUTO
DESEJA A TODOS
UM FELIZ NATAL
E UM PRÓSPERO
ANO NOVO!

Antes de fazer qualquer negócio, consulte a Dicauto / BR 482, Km 95 • Tel. (28) 3553-1415 • Guaçuí-ES

GOVERNO LANÇA O EDITAL '+PESQUISA AGROCAPIXABA'



**Está aberto
o edital
+ Pesquisa
AgroCapixaba.**

**PRAZO PARA INSCRIÇÃO
DE PROJETOS:
04/03/2016**

R\$ 14 MILHÕES: é o maior investimento em pesquisa agropecuária já feito pelo Governo do Estado. Se você tem um projeto em rede, que contribua com o desenvolvimento do agronegócio capixaba, participe.

- Bolsa de Iniciação Científica
- Bolsa de Apoio Técnico
- Bolsa de Mestrado
- Bolsa de Coordenador de Projeto

Mais informações e Edital disponíveis nos sites
www.fapes.es.gov.br e
www.seag.es.gov.br



O Governo do Espírito Santo lançou, no início de dezembro, o edital “+Pesquisa AgroCapixaba”, que visa a promoção da sustentabilidade das propriedades rurais para agregar valor aos produtos capixabas e cujos resultados das pesquisas sirvam de base para políticas públicas.

O edital tem a finalidade de apoiar o desenvolvimento de projetos de pesquisa científica e tecnológica e/ou de inovação, a serem desenvolvidas em rede em Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa, públicas ou privadas, localizadas no Espírito Santo, cujo resultado será base para a definição de políticas públicas. Os grupos de pesquisa serão integrados e atuarão sob a coordenação de pesquisadores capixabas.

Promover a sustentabilidade das propriedades rurais, agregando valor à produção agropecuária, e encontrar subsídios para a definição de políticas públicas em áreas consideradas prioritárias como a da fruticultura, cafeicultura, pecuária, olericultura (hortaliças), agroecologia e agricultura orgânica, além do manejo de água e solo, entre outras culturas, são os principais objetivos desse edital.

Desde o início do ano, a Seag tem dialogado com os professores e pesquisadores do Estado e, na visão do secretário Octaciano Neto, foi percebida a necessidade do investimento em Pesquisa. “Esse edital é fruto do Plano de Desenvolvimento da Agricultura, o PEDEAG 3. Por meio dele, absorvemos as demandas das diversas cadeias produtivas e os gargalos enfrentados por produtores

rurais, pesquisadores e outras classes. Vamos publicar já na próxima semana para adiantar o quanto antes esse processo. Essa assinatura é um exemplo, pois se trata de um recurso que terá o destino que o produtor rural decidiu, por entender a necessidade de avançarmos nesse setor”.

O governador Paulo Hartung reforçou a importância do Estado em ser competitivo no cenário nacional e internacional “Precisamos de pesquisa e pesquisa de qualidade. A retomada da competitividade é fundamental para nosso Espírito Santo e Brasil. Através do edital poderemos dar base para nossos professores e pesquisadores, para que evoluam nas pesquisas. Assim como o café, que foi impulsionado na pesquisa de forma brilhante pelo Incaper ao longo dos 60 anos de existência. Nosso café é referência no mundo. Queremos uma pecuária forte, com o aumento de sua qualidade e produtividade. Vale para o setor dos grãos, o madeireiro e a agroecologia; Agroecologia é o futuro, muitas das grandes redes do mundo vendem apenas produtos sem agrotóxico. Devemos copiar os bons exemplos existentes no mundo e, por isso, esse investimento inédito do Estado, com recurso do Tesouro Estadual, vai proporcionar estrutura e ferramentas para uma boa qualidade do trabalho”.

Fonte site SEAG

INAUGURADA FEIRA DE PRODUTOS AGROECOLÓGICOS EM VILA VELHA

Foi inaugurada em novembro, no Boulevard Shopping, em Itaparica, Vila Velha, mais uma feira agroecológica na Grande Vitória. Vinte e cinco grupos de agricultores familiares do Estado foram cadastrados pela Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag) e instituições parceiras, o que garante a qualidade dos diversos produtos que são ofertados na feira, como frutas, verduras e legumes, além de produtos da agroindústria (geleias, bolos, pães, entre outros). O espaço irá funcionar todos os domingos, das 11 às 16 horas.

Esta é a nona feira do gênero em funcionamento na Grande Vitória (Confira os endereços das demais feiras no final do texto). Entre as novidades da feira agroecológica do Boulevard Shopping é que o espaço é o único que funcionará aos domingos e os consumidores poderão fazer suas compras em ambiente climatizado, com estacionamento gratuito. Os produtos comercializados na feira agroecológica são produzidos sem a utilização de agrotóxicos e com base nos princípios da sustentabilidade, por meio de critérios determinados pela Seag e pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper).

FOTOS DIVULGAÇÃO SEAG



PRODUÇÃO

Atualmente, são produzidas em média três mil toneladas de orgânicos por mês no Espírito Santo. A produção de outras 10 mil toneladas está em fase de transição para o modelo orgânico. Entre os produtos que se destacam estão hortaliças em geral, frutas, produtos da agroindústria caseira, como pães, biscoitos, bolos, doces e geleias. Flores, plantas medicinais e temperos também são comercializados nos mais de 50 pontos de venda do Estado, entre supermercados, feiras livres e feiras especializadas. Pelo menos 40 municípios no Estado produzem orgânicos atualmente, 21 deles com produtores certificados.

Fonte site SEAG



FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS/ AGROECOLÓGICOS NA GRANDE VITÓRIA

VITÓRIA

Feira de Produtos Orgânicos de Barro Vermelho

Endereço: Rua Arlindo Brás do Nascimento, atrás da Emescam

Horário de Funcionamento: sábado - das 6 horas às 12 horas

Feira de Produtos Orgânicos da Praça do Papa

Endereço: Estacionamento da Praça do Papa - Enseada do Suá

Horário de Funcionamento: quarta-feira - das 15 horas às 20h30

Feira de Produtos Orgânicos de Jardim Camburi

Endereço: Av. Isaac Lopes Rubim - próximo

à Faculdade Estácio de Sá

Horário de Funcionamento: sábado - das 06 horas às 12 horas

CARIACICA

Feira Agroecológica de Cariacica

Endereço: Praça John Kennedy (Praça do Parque Infantil)

- Campo Grande

Horário de Funcionamento: sábado - das 06 horas às 12 horas

VILA VELHA

Feira de Produtos Orgânicos da Praia da Costa

Endereço: Entre as ruas XV de Novembro

e Henrique Moscoso, em baixo da Terceira Ponte

Horário de Funcionamento: sábado - das 06 horas às 13 horas

SERRA

Feira de Produtos Orgânicos de Serra Sede

Endereço: Praça de Encontro

Horário de Funcionamento: terça-feira - das 15 horas às 21 horas

Feira de Produtos Orgânicos de Valparaíso

Endereço: Estacionamento do antigo Serra Bela Clube

- Valparaíso (ao lado da biblioteca pública municipal)

Horário de Funcionamento: terça-feira - das 15 horas às 21 horas

Feira de Produtos Orgânicos de Colina de Laranjeiras

Endereço: Praça Central de Colina de Laranjeiras

Horário de Funcionamento: quinta-feira - das 16 horas às 20 horas



PRÉ E PÓS-PARTO DAS VACAS GARANTEM AUMENTO DA PRODUÇÃO DE LEITE

OS PRODUTORES QUE ADERIRAM AO PROJETO VIRAM A PRODUÇÃO DE LEITE QUASE DOBRAR EM POUCOS MESES. ALÉM DISSO, A MEDIDA MELHORA A SAÚDE DA VACA E DO BEZERRO

ALISSANDRA MENDES
/ FOTOS ALISSANDRA MENDES

✉ safraes@gmail.com

O produtor rural está em constante busca por melhoria na qualidade de sua produção de leite, principalmente, com custos controlados para conseguir um ganho maior. Trocas de experiências e às vezes, poucas mudanças na propriedade podem fazer com que o objetivo seja alcançado. A alternativa mais recente adotada para aumentar a produção de leite é fazer o manejo do período de transição da vaca que consiste no pré e o pós-parto. A mudança garante o aumento de produção nos primeiros meses. Além disso, a medida melhora a reprodução, saúde da vaca e do bezerro.

O médico veterinário da Cooptec, Alan Fraga Filho conta que a vaca necessita de um alimento com melhor qualidade no chamado 'período de transição', que ocorre 30 dias antes e 30 dias após o parto. "Temos que trazer esses animais para uma readaptação ao meio. Quando a vaca está seca, ela vai para o campo descansar. Para esse animal voltar, chamamos de 'período pré-parto', que é quando volta a ser suplementada. Temos que reinserir esses animais no manejo de curral. Eles têm que se adaptar ao manejo e à dieta", explica.

Nesse período, o animal é alimentado com ração seca, própria para a vaca em lactação. "O rúmen vai demorar de 11 a 15 dias para se adaptar ao amido (ração). Então, a vaca já está naquele estresse de parto. Se esperarmos parir para trazer para o curral, com o manejo, adaptação do concentrado e do volumoso fica uma sobrecarga muito grande. Normal-

mente, trazemos 30 dias antes para que ela seja reinserida", continua Alan.

Além do ganho com a produção, o produtor também ganha com a saúde do animal. "Fazendo o pré-parto bem feito, melhoramos a imunidade das vacas e minimizamos possíveis problemas, como retenção de placenta, hipocalcemia pós-parto, metrite, torção de abomaso, cetose e vários distúrbios metabólicos, além de conseguirmos fazer com que o animal produza maior quantidade de leite por causa da condição nutricional favorável. Sem o pré-parto ele estaria sem essa adaptação", comenta o veterinário.

No pós-parto a vaca tem uma capacidade menor de consumo de alimento, na mesma fase ela está se aproximando no pico de produção, e isso a leva a mobilizar mais gordura e pode causar disfunções metabólicas, diminuição do seu peso e estado corporal, com isso, produz menos leite impactando na produção em toda a lactação, aumentando o uso de medicamentos, aumentando os custos com menor produção, que é o mais importante.

"O pós-parto é como dar uma sequência ao processo. Por exem-

plo, tem o sal mineral aniônico, um produto que é utilizado para evitar a hipocalcemia pós-parto. Temos que continuar deixando o animal em condição satisfatória para emprenhar esse animal no máximo em 90 dias", frisa.

O sal aniônico estimula a mobilização de cálcio dos ossos no pré-parto. A vaca vai comer melhor, não vai ter retenção de placenta que poderia levar a uma infecção e prejudicar a saúde e a produção de leite. "Desejamos ter uma média de intervalo entre parto de 12 meses (gestação de nove meses + 90 dias), mas é difícil. Quando fazemos o pré-parto, certamente vamos conseguir emprenhar o animal mais rápido. A demanda nutricional, logo após o parto é muito maior. Sem contar que vai diminuir problemas que poderia levar o bezerro a ter menos imunidade a até mesmo morrer", ressaltou o veterinário.

A alternativa é indicada para todos os produtores. "Quando o produtor passa a fazer o pré-parto, sempre consegue resultados muito melhores, em produção de leite e na condição reprodutiva", finaliza Alan.



Segundo o médico veterinário da Cooptec, Alan Fraga Filho, o sal aniônico estimula a mobilização de cálcio dos ossos no pré-parto

'OS RESULTADOS SÃO SATISFATÓRIOS'

Desde 1983 trabalhando na Fazenda Belmonte, em Mimoso do Sul, a professora por formação, Maria Eunice Cysne encontrou na atividade rural uma fonte de renda. O início foi no café, que ela mantém até hoje. Só começou a mexer com leite após o falecimento de seu pai, há nove anos. “Eu tinha seis filhos para criar e tinha me separado, então meu pai me deu um sítio em Palmeiras para plantar café. Morava em Cachoeiro de Itapemirim e vinha todos os dias a Mimoso para cuidar da plantação. Ele cuidava do leite. Quando ele faleceu, tive que assumir tudo sem saber nada sobre leite”, comenta.

Eunice contou com a ajuda de campeiros que trabalhavam com seu pai, mas eles logo se aposentaram e ela precisou tocar sozinha a nova atividade. “Era muito gado. Tinha umas 300 cabeças. Precisei vender umas cabeças para melhorar os animais e passei a fazer inseminação. Meu pai nunca fez. Ele acreditava que maltratava muito as vacas”, disse.

Aos 72 anos, Eunice conta que sua meta é continuar no leite. “Até pouco tempo a produção era completamente baseada em pasto. No inverno tinha uma capineira pequena e cana, que na verdade, não dava para suplementar o gado, de acordo com a exigência nutricional. Minhas



Professora de filosofia Grega e Latim, Maria Eunice Cysne encontrou na atividade rural outra fonte de renda

vacas eram magras. Eram muitas para tirar o que tiro hoje de leite. O máximo que papai tirou foram 300 litros de leite por dia. Hoje, estamos com quase 500”, explica.

Uma das alternativas encontradas foi fazer o pré e o pós-parto das vacas. “Quando dependemos de pasto ficamos à mercê do ambiente. Como ficamos um longo período sem chuva, sofremos. Conseguimos alimentar com o milho as vacas do pré-parto e de crias novas. As vacas do pré-parto depois que pariam, continuavam nesse lote e mantinham a condição corporal até o momento pós-parto. As vacas que

passaram por isso, tiveram mais leite na lactação inteira e emprenharam mais rápido”, ressalta Rafael Duarte, zootecnista do Projeto Mais Leite da Selita/Cooptec/Sebrae.

As vacas do pré-parto de Eunice tiveram mais de 50% de aumento na produção de leite. “Em termos de leite, o que fez a diferença foi a comida, pois paramos de depender do ambiente. Fizemos silagem de milho. O pré-parto é uma técnica bem sólida, e fizemos porque chegamos a fazer comida. Fizemos uma primeira silagem, que colhemos em setembro do ano passado e rendeu bastante. Também tiramos os bezerros do pé das vacas. Todas as vacas dão leite sem bezerro e isso facilitou muito, pois o serviço no curral é mais rápido”, frisa a produtora.

Um dos problemas que Eunice tinha era a mortalidade de bezerros. “Não temos mais. Os bezerros de até 30 dias tomam seis litros de leite por dia, cada um, e a partir do dia 15, começamos a colocar um pouco de ração específica. Dos 30 aos 60 dias cai para quatro litros de leite por dia. A partir de dois meses, começamos a colocar um pouco de alimento volumoso, que é silo, capineira, o que tiver fornecendo na época. Com 120 dias, eles vão para os lotes que chamamos de contemporâneos, com alimentação de um quilo de ração por dia e volumoso. Aumentou o custo, mas está valendo a pena por causa do resultado”, completa Eunice.

“TODAS AS VACAS DÃO LEITE SEM BEZERRO
E ISSO FACILITOU MUITO, POIS O SERVIÇO
NO CURRAL É MAIS RÁPIDO”

(MARIA EUNICE CYSNE)



As vacas do pré-parto de Eunice tiveram mais de 50% de aumento na produção de leite



As vacas no período de pré-parto ficam separadas dos outros animais e permanecem em áreas mais próximas ao curral

'EM CINCO MESES MAIS QUE DOBREI MINHA PRODUÇÃO'

A empresária e produtora Kátia Serrão Paganotti, de Iconha, tem uma história em comum com a Maria Eunice Cysne, de Mimoso do Sul. Ela também herdou a fazenda do pai sem ter conhecimento sobre a produção leiteira, mas não demorou muito para aprender e entender que continuar com a atividade do pai foi sua melhor escolha.

"Meu pai sempre foi um homem muito avançado, até mesmo do tempo dele. Apesar de não ser um hobby, ele mantinha a fazenda sempre em ordem. Quando falam hoje que som é bom para os animais, meu pai já tinha som no curral há anos. Há mais de 30 anos temos som para as vacas. Temos ventilador há

anos. E o que eu fiz, foi acompanhar um pouquinho desse trabalho e tentar dar continuidade", conta.

Kátia mora em Guarapari e é gerente financeira de uma empresa de distribuição de bebidas ao lado do marido e dos filhos. Ela divide o seu tempo com a propriedade, a fazenda Vale do Sol, em Iconha. "Herdei do meu pai esse gosto pelas vacas de leite. Quando fazemos algo que gostamos, conseguimos superar muita coisa. Quando meu pai morreu, nos primeiros dias estava sob o impacto da morte dele, depois sob o impacto de ter uma propriedade para tomar conta. Eram três famílias aqui que dependiam dele, tinha animais, que são seres vivos e que precisam de cuidados, enfim, contei com a mão de obra já existente e o conhecimento deles, e estou aprendendo até hoje, no dia a dia. Chego aqui e me transporto para cá de tal forma, que não lembro que existe a empresa em Guarapari", ressalta Kátia.

A adaptação foi aos poucos. Hoje, Kátia possui ordenha mecânica, fez projeto de irrigação e tenta manter tudo que o pai já tinha na fazenda. "Era daqui que meu pai tirava o sustento, mas ele agregou a isso, um lugar prazeroso, gostoso de ficar, limpo, arrumado e bom de estar. Hoje, o que me mantém aqui é isso. Tenho no sangue e o gosto, principalmente, pelas vacas de leite, que não são fáceis de mexer. Com algumas mudanças, em cinco meses mais que dobrei minha produção", explica.

Kátia passou a fazer o pré-parto das vacas, o que lhe garantiu esse aumento da produção. "Começamos

a pesar o leite e vimos que temos vacas com potencial, geneticamente, muito bom. Foi a partir daí que definimos a alimentação de cada uma. O pré-parto também foi muito importante. Comprei o sal mineral pré-parto e já vínhamos trazendo os animais para a maternidade, que é onde elas ficam quando já estão prestes a criar, e ali são tratadas com o sal e fubazinho. Quando chegam a criar, elas estão fortes e bem aleitadas. Esse pré-parto foi fundamental", continua a empresária.

Ela garante que a fazenda não é uma obrigação, mas um prazer. "O pré-parto me ajudou muito a aumentar o leite. Eu estava tendo realmente alguns problemas de aborto, e até mandei fazer exames para saber se existia algum problema. Desde que comecei, não tive mais problema. Seca a vaca na época certa", frisa.

Kátia conta a com a ajuda do filho, Marcelo Serrão Paganotti. "Meu filho está se interessando e tem me ajudado bastante na fazenda. A minha expectativa é que eu consiga manter essa propriedade até morrer. Espero que ela consiga se pagar totalmente. Isso aqui para mim também é uma empresa que está caminhando para ser auto suficiente. Minha meta é tirar 1.000 por dia. Hoje, tiro 700 litros. Não posso tirar mais. Tenho o pé no chão. Minha propriedade comporta isso e é isso que quero. Me considero realizada nesse sentido. Não posso estar 100% aqui presente, mas tenho a produção que desejo", finaliza a produtora.



A empresária Kátia Serrão Paganotti contou que herdou a fazenda do pai e aprendeu com ele a gostar da pecuária de leite

SEBRAE ES INCENTIVA A PRODUÇÃO

O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Espírito Santo (Sebrae ES), por meio do Projeto de Pecuária de Leite, auxilia produtores rurais que buscam melhorar sua produção de leite. O projeto, desenvolvido junto às cooperativas e laticínios particulares capixabas, prevê ações de cunho tecnológico e gerencial que resultam na melhoria da rentabilidade e produtividade, ou seja, melhoria da eficiência na gestão da propriedade rural e promoção do acesso à inovação e tecnologia, utilizando a metodologia Sebraetec.

Implantado em 2011, o programa atende do Norte ao Sul capixaba e trouxe um novo foco em 2015. De acordo com o analista da Unidade de Atendimento ao Agronegócio do Sebrae ES e gestor do programa, Thiago Martins Costa, a palavra de ordem para os trabalhos do Sebrae ES é retorno, pois a ideia é “colocar dinheiro no bolso do produtor”.

Para isso, Thiago explica que será necessário alcançar um objetivo: produzir mais leite, com mais qualidade, utilizando uma área menor e tendo menos custos. A ideia é trabalhar com o produtor, permitindo que ele possa evoluir na cadeia de produção. Sendo assim, mudar sua categoria, passando de agricultura familiar para semiextensiva, e de semiextensiva para intensiva, garantindo a rentabilidade do produtor.

Em 2015, o Projeto de Pecuária de Leite deixou de ser regional e passou a ser estadual. Em parceria com a cooperativa Veneza, os produtores da região Noroeste, puderam comemorar os ótimos resultados de 2014. Cerca de 270 produtores conseguiram superar momentos de dificuldades, mantendo a linearidade da produção nos períodos de seca, sem fazer com que o produto perdesse em qualidade.

Um dos produtores rurais que obteve melhoras em sua propriedade no ano de 2014 é o Silvano dos Santos, morador de Pinheiros. Antes de participar, o empreendedor tinha seis vacas e uma produção média de 30 litros por dia. Com sua participação na cooperativa

já ampliou e evolui, chegando a possuir atualmente 40 vacas, que produzem 500 litros por dia. A produção passou de cinco litros por vaca para cerca de 12,5 litros.

Ainda segundo Thiago, a cooperativa Veneza é extremamente atuante no que diz respeito ao projeto. “A cooperativa tem total preocupação com o sucesso do seu cooperado e, se assim permanecer, será uma peça fundamental para que as metas de 2015 sejam concluídas dentro dos prazos”.

A pecuária de leite desenvolve papel fundamental para a geração de emprego e renda familiar. O pequeno produtor deve ter uma produção mínima de leite/dia superior ao seu ponto de equilíbrio. Para tanto, o acompanhamento sistêmico das consultorias tecnológicas do Sebrae, é crucial para a sobrevivência desses negócios.

Segundo o gestor do programa, atuar em um projeto como este é um

desafio muito grande e ao mesmo tempo motivador. “É um segmento da economia capixaba muito importante, e o que a gente espera é fazer com que as metas estipuladas pelo Sebrae ES sejam conquistadas, que a família do produtor veja sua propriedade como renda, e que realmente tenha essa renda. O Sebrae vai trabalhar com a gestão de uma atividade econômica. Essa é a nossa função”, declara Martins.

SEBRAETEC

O Sebraetec é um instrumento que tem o objetivo de promover o acesso aos serviços tecnológicos aos pequenos negócios, fortalecendo sua competitividade no mercado. Também oferece apoio ao desenvolvimento de projetos de inovação, de gestão tecnológica e de indicação geográfica.

Fonte: Sebrae ES

ELAS TAMBÉM ESTÃO DOMINANDO O CAMPO

Quem pensa que produção rural é coisa só para homens está muito enganado. O projeto de Pecuária do Leite do Sebrae ES atende a muitas mulheres, que não só estão à frente das propriedades, como têm alcançado excelentes resultados.

Já não é de hoje que as mulheres têm conquistado sucesso no mercado de trabalho. Mas essa não é uma verdade apenas em se tratando das profissões urbanas. Elas também marcam presença no meio rural.

De acordo com dados do projeto de Pecuária do Leite do Sebrae ES, as mulheres se destacam à frente de propriedades voltadas para a produção de leite, tanto no quesito quantidade quanto na qualidade do produto.

Das 1.498 propriedades que produzem leite atendidas pelo Sebrae ES, 169 são comandadas por mulheres. Em muitas dessas propriedades, percebe-se um aumento na produção, sendo que em algumas houve aumento de mais de 100% na produção diária de leite.

A produção por vaca também aumentou, fruto dos cuidados com os animais, que incluem, por exemplo, ração balanceada e acompanhamento genético. Também aumentou o número de vacas em lactação por hectare.

Mas não é só na quantidade que estão sendo feitas mudanças. Boa parte dos avanços protagonizados por essas mulheres têm sido na qualidade do produto. Cuidados com a higiene, por exemplo, garantem leite de mais qualidade, que alcança melhores valores no mercado.

Fonte: SEBRAE ES



J. AZEVEDO
MÁQUINAS AGRÍCOLAS LTDA



**REVENDA AUTORIZADA
MASSEY FERGUSON**
OFERECE A MELHOR OPÇÃO DE FINANCIAMENTO

A todos clientes e amigos nossos agradecimentos por estarem conosco durante o ano de 2015.
Que no ano que se inicia possamos compartilhar juntos novas conquistas !!!

CONHEÇA TAMBÉM NOSSA VARIEDADE DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS
AGRÍCOLA PARA ATENDER A NECESSIDADE DO HOMEM DO CAMPO.
COM CONDIÇÕES PRÓPRIAS DE FINANCIAMENTO

Cachoeiro de Itapemirim - ES
Tel: (28) 3526-3600
vendas@jazevedoes.com.br

Bom Jesus - RJ
Tel: (22) 3831-1127
jazevedobj@jazevedonet.com.br

Itaperuna - RJ.
Tel: (22) 3822-0625
jazevedorj@jazevedonet.com.br

Muriáe - MG
Tel: (32) 3696-4500
vendas@jazevedonet.com.br

REVENDA AUTORIZADA
STIHL®

PRODUTOR DE SUCESSO MOTIVA PECUARISTAS DE LEITE EM EVENTO NO SUL DO ESTADO

EM ENCONTRO REALIZADO EM NOVEMBRO, A SELITA CONVIDOU O PRODUTOR NIVALDO MICHETTI PARA APRESENTAR SEU CASO DE SUCESSO NA PECUÁRIA LEITEIRA

De sucesso na propriedade leiteira, o produtor Nivaldo Michetti entende bem. Ele apresentou seu caso durante o Encontro de Pecuária Leiteira realizado pela Selita, em Atilio Vivacqua, município do sul do estado, em novembro.

A produção leiteira mudou sua vida, como apresentado na palestra, mais motivacional do que propriamente técnica. “A intenção foi de levar aos presente ânimo, considerando que tendo saído do ‘nada’ consegui, com minha família, grande mudança de vida, inclusive e principalmente, resgate da dignidade de homem do campo, que passou a entender a sua importância dentro da sociedade”, apontou Michetti.

Hoje sua vida é completamente diferente e produzir leite se tornou uma maneira de garantir subsistência com equilíbrio e sustentabilidade. Para Michetti, há bons motivos para se investir na produção de leite no Brasil.

“O principal fator é me permitir certa autonomia, fato que nem sempre ocorre em várias outras atividades. Outro ponto positivo que vejo, é que por ser uma atividade que exige perseverança, no entanto, isso não se encaixa no espírito do nosso povo, muito dado ao modismo e em enriquecer rápido, por isso vemos tanta gente saindo da atividade. Outro ponto ainda é o fato de saber que o produto leite sempre faltou no mercado brasileiro, haja vista que não conseguimos a autossuficiência na produção. Isso fica muito claro toda vez que explodem os preços, nas entressafras, numa tentativa bem sucedida de conter o consumo e não acontecer o desabastecimento total, o que seria caótico”, define o produtor.



CONSUMISMO E OPORTUNIDADES

Michetti também aponta para os riscos do consumismo. Precisamos aprender a ganhar e a não gastar tanto. Esse é o segredo. Na propriedade, os gastos são sempre os mesmos e em tempos crise o ganho cai. O dinheiro é um péssimo conselheiro, porque faz criar vontade de gastar, sem necessidade. Precisamos desenvolver métodos, que chamo de práticas abolicionistas, como pastejo rotacionado, alimentação, genética, infraestrutura, cocho trenó e cuidados com o solo. Essas práticas acabam com os costumes errados e contribuem com o ganho de dinheiro, o ano inteiro.

Nivaldo se mostra muito grato à assistência técnica que recebeu de um técnico, em sua região. “Aprendi muito com ele. Que o mais importante é oferecer condições para que o seu rebanho produza. Os animais precisam de água, sombra e alimentação de qualidade. E alimentação de qualidade não é só com cana e ureia, aprendi a inserir o enxofre na mistura, mas sempre com orientação técnica. Não dá para arriscar”, finaliza.

**Com informações dos sites milkpoint, gadolando.com.br e assessoria de Comunicação da Selita*

Nivaldo Michetti, de Paranaíta/MT iniciou na atividade leiteira aos 34 anos de idade com 11 animais mestiços em uma região sem tradição na atividade: Santana do Itararé/PR. Após oito anos de muitos desafios e pouca tecnologia, Nivaldo resolveu dar uma guinada em sua vida. Começou a ser assistido por um técnico e implementou as melhores práticas em seu negócio, transformando sua atividade e alcançando, assim, leite de alta qualidade a baixo custo.

Em pouco tempo virou referência e influenciador em sua região. Sua experiência o levou, e ainda o leva, a difundir as técnicas adotadas para outras regiões. Para Nivaldo, “alta tecnologia é a que promove lucro, independentemente de estar ligada a instalações ou a equipamentos. Alta tecnologia é aquele produto que me liberta, que facilita a minha vida.”

Nivaldo Michetti ministra palestras para produtores rurais em todo o Brasil, sem cobrar cachês ou honorários. “É minha missão motivar os agricultores. Faço isso dividindo minha experiência para que o agricultor valorize mais a si mesmo e à nossa atividade”.

Fonte: Milk Point

Os animais precisam de água, sombra e alimentação de qualidade. E alimentação de qualidade não é só com cana e ureia, aprendi a inserir o enxofre na mistura, mas com orientação técnica.



SECA..... PROBLEMAS E SOLUÇÕES AO NOSSO ALCANCE

EDIMAR GONÇALVES CARVALHO
É PRODUTOR RURAL, TÉCNICO AGRÍCOLA
E EMPRESÁRIO

- Os problemas:

A Região do Caparaó Capixaba não está diferente das demais regiões do estado, pois estamos passando por uma deficiência hídrica provocada pela diminuição das chuvas nos últimos cinco anos e agravada pela falta de iniciativa de nós, produtores, e dos órgãos governamentais competentes.

A diminuição da produção das lavouras ano após ano vem deixando nossos produtores descapitalizados, sem condições de reinvestir e, em muitos casos, não conseguem nem quitar as dívidas pois tiveram quedas nas produções (em média de 30%) e corte nos preços de venda em média de 20% devido o produto final ter ficado com qualidade inferior. Este ciclo vem se repetindo há cinco anos consecutivos e tem provocado o empobrecimento dos nossos produtores e consequentemente de toda a Região do Caparaó.

No caso dos produtores de leite, o custo para produzir alimento para o gado tem subido constantemente e o preço do leite não acompanha; já tem produtor fechando a conta no final do mês no vermelho.

Com a diminuição das pastagens está acontecendo uma venda excessiva de animais jovens e descarte de matrizes, em pouco tempo não teremos em nossa região animais para abate, iremos importar carne e isto aumentará o preço para o consumidor...

- As soluções:

Podemos dividir as soluções em dois grupos: a emergencial e a sustentável, não existe uma melhor que a outra, no momento precisamos das duas!

- Solução emergencial:

Consiste em socorrer os produtores que estão à beira da falência, prorrogando e parcelando as dívidas, fornecendo alimentos a preço de custo para manter o mínimo do rebanho, fornecer água com carros pipas para os animais e até mesmo para o consumo humano nas propriedades, enfim são ações que possuem um cunho mais social, pois a situação está crítica...

- Solução sustentável:

Esta trabalha com estratégia, planejamento, ações que trarão retorno a curto, médio e longo prazos e dependem, além da vontade política, do engajamento com as comunidades, educação ambiental e do envolvimento de todos. Podemos citar algumas ações que estão dando certo e não são difíceis de serem implantadas.

1ª) Correção do solo, através de uma análise com profundidade de 0 a 20 cm e de 20 a 40 cm. Podemos identificar as necessidades de utilização de calcário e/ou gesso agrícola nestes terrenos, que se bem corrigidos se tornarão mais férteis e com condições para as raízes das plantas se aprofundarem mais, com isso tendo possibilidade de buscar umidade nas camadas mais profundas do solo, se tornando mais resistentes à deficiência hídrica.

2ª) Construção de caixas secas às margens das estradas, com o intuito de armazenar as águas das chuvas, pois desta forma evitaremos erosão, buracos nas estradas, assoreamento de rios, enchentes, ... e quando esta água for penetrando no subsolo lentamente após as chuvas, estaremos aumentando o volume de reserva de água no lençol freático, aumentando as águas das nascentes que ainda existem, retornando algumas que já são consideradas extintas.

3ª) Utilização de cobertura morta nas lavouras e plantio consorciado com braquiária, protegendo o solo contra a incidência direta do sol e erosão provocada pela força das gotas de chuva que destroem a estrutura do solo e arrasta a camada superficial que é a mais rica em matéria orgânica essencial para a vida do solo.

4ª) Plantio consorciado de pastagens e ou lavouras com outras espécies de culturas como madeiras ou frutíferas com o objetivo de obter mais renda sobre a mesma área, pois uma cultura ajuda a outra, pois tanto o café quanto o gado se tiver um sombreamento em torno de 30%, terá uma variação térmica menor a nível de solo, ou seja, durante o dia vai esquentar menos e durante a noite vai esfriar menos, e isto faz com que tanto as plantas como os animais consumam menos energia para se manter, assim sobra energia para transformar em maior produção.





RESERVAÇÃO DE ÁGUA A SOLUÇÃO VEM DE CAIXAS EM CURVA DE NÍVEL

PROGRAMA AMBIENTAL OLHO D'ÁGUA PROPÕE MODELO
QUE RETÉM A ÁGUA NO TOPO DOS MORROS

KÁTIA QUEDEVEZ
✉ safraes@gmail.com

Assolado pelo déficit hídrico, a equipe da Agricultura do município de Presidente Kennedy, localizado ao sul do Espírito Santo, arregaçou as mangas e implantou no ano de 2015 o Programa Olho D'Água*, com o objetivo de capacitar e apoiar produtores rurais do município na preservação e recuperação das nascentes, por meio de ações de curto, médio e longo prazos. *Não confundir com o Programa Olhos D'Água, do Instituto Terra, dirigido pelo fotógrafo Sebastião Salgado, realizado no norte do estado.

Josélio Antônio Altoé, secretário municipal de Agricultura e Pesca de Presidente Kennedy declara que há 22 anos acompanha a situação hídrica do município e que o maior problema não é a falta de chuvas, mas a retenção, onde a água cai. “Em duas horas de chuvas em Kennedy os córregos estão cheios e em mais duas horas estão vazios de novo.”

A retenção hídrica se dá de várias formas, desde que tenha boa cobertura do solo, seja por meio de pastagens bem manejadas, lavouras e matas bem cuidadas. Altoé afirma que diante deste cenário, foi implantado o Projeto Olho D'Água com várias ações. Uma delas é a construção de caixas em curva de nível, estruturas feitas no terço superior do morro, diferente de caixas secas ou caixas feitas às margens das estradas. A ideia é segurar a água no alto do morro para ela descer infiltrando, produzindo forragem e alimentando o lençol freático.

“Ao nosso ver, depois que a água está na beira do rio, do córrego ou da várzea ela já não tem mais utilidade,



Josélio Antônio Altoé é secretário municipal de Agricultura e Pesca de Presidente Kennedy e coordena o Programa Olho D'Água no município.

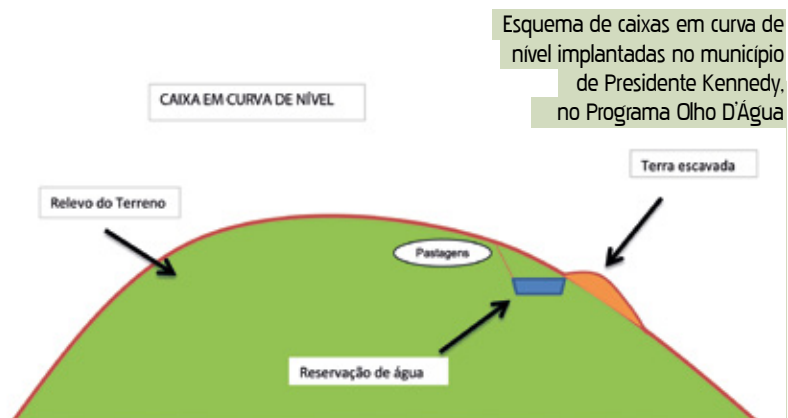
porque desceu do morro, arrastou o esterco, os nutrientes, a terra de minhoca, e não produziu forragem

nenhuma, nem culturas alimentares, seja mandioca, abacaxi, café ou outras atividades”, explica Josélio.

A ideia é segurar a água no morro para que ela desça produzindo e alimentando o lençol freático e as nascentes. “Também considero que a mata ciliar tem pouca utilidade para a reservação de água, apenas para a conservação do solo”, declara Altoé.

O trabalho se estende às bacias e nascentes. “Onde couberem barragens estamos fazendo essas estruturas para barragens secas e úmidas, para auxiliar na irrigação e na reservação de água. Também estamos isolando as nascentes nas zonas de recarga, porque mais importante do que fazer a proteção do solo no entorno da nascente, como preconiza a lei federal, é fazer a proteção do solo na zona de recarga, onde há maior retenção do solo e dos nutrientes”, finaliza Josélio Altoé.

“O MAIOR DESAFIO NÃO É APENAS CONVIVER
COM A FALTA DE CHUVAS, MAS RETÊ-LA ONDE
ELA CAI” (JOSÉLIO ANTÔNIO ALTOÉ)



PROGRAMA OLHO D'ÁGUA ATUALIZADO

Até dezembro de 2015 foram feitos 72 poços semi-artesianos, distribuídas 93 cisternas, com capacidade de 15.000 litros para armazenamento de água, material para isolamento de 25 nascentes com disponibilização de estacas, sementes e mudas de essências nativas e frutíferas,

arame farpado e grampo, preparo de solo e plantio de aproximadamente 520 hectares de pastagens da intervenção mecanizada e disponibilização de sementes, calcário e superfosfato para recuperação de 13.000 hectares de pastagens, construção de 15 barragens com capacidade de armazenamento de

49.494 m³ de água, construção de aproximadamente 41.640 m de caixas em curvas de nível com capacidade de armazenamento de 40.000 m³. Estão em fase de implantação 350 sistemas de tratamento de esgoto (mini ETE's), com cisternas e biodigestores para produtores rurais.

SECA E LAGARTAS

A grande motivação para a implantação do Programa Olho D'Água foi o quadro extremo de déficit hídrico do município de Presidente Kennedy. Em 2012, como pode ser observada nos extratos anuais de balanços hídricos, a situação se agravou. "Foi um momento de extrema dificuldade. Além de lutarmos contra a seca, houve a infestação das lagartas, em 2014, que dizimou muitas propriedades", declarou o secretário Josélio Altoé.

Altoé se refere a uma rigorosa infestação de lagartas que assolou o município em 2014 quando centenas de agricultores amargaram grandes prejuízos. "Aproximadamente 70% das áreas de pastagens do município foram destruídas, cerca de 35 mil hectares. Na ocasião, a Prefeitura decretou estado de emergência e junto com a equipe da Secretaria de Agricultura estabeleceu um plano emergencial para diminuir os efeitos de tais fenômenos".

Foto DIVULGAÇÃO PMPK



Centenas de agricultores de Presidente Kennedy tiveram suas propriedades atingidas devido à infestação de lagartas, em 2014. Na ocasião, o município já sofria os efeitos de uma rigorosa estiagem. Duas grandes motivações para que o município implantasse um amplo programa de recuperação de mananciais.

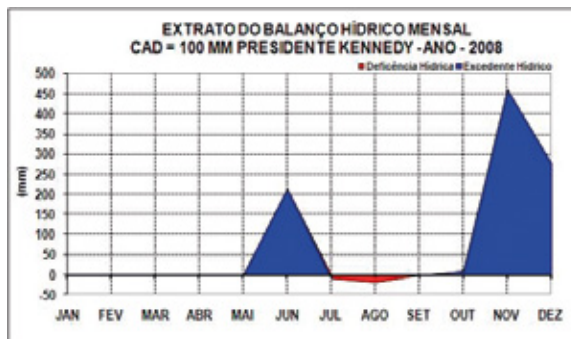
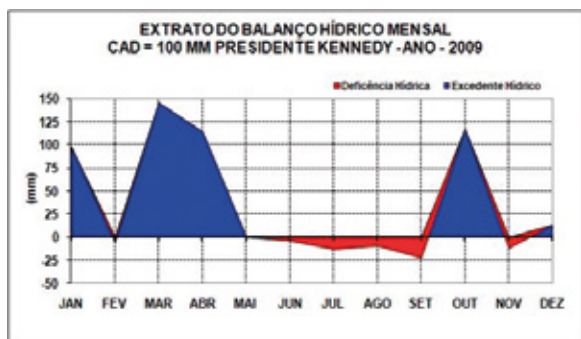
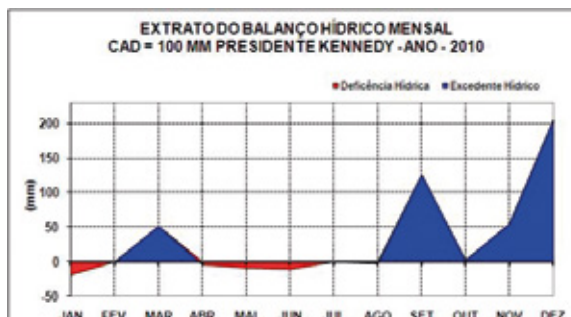
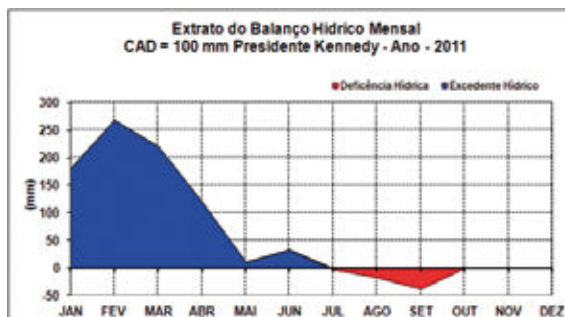
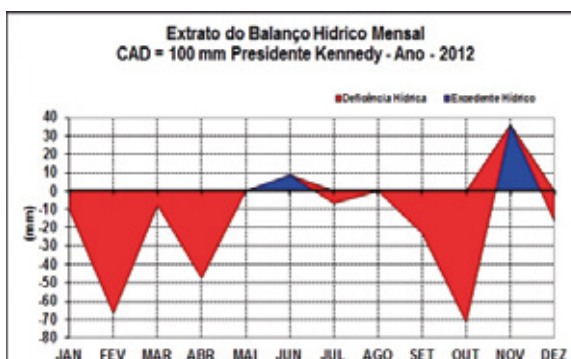
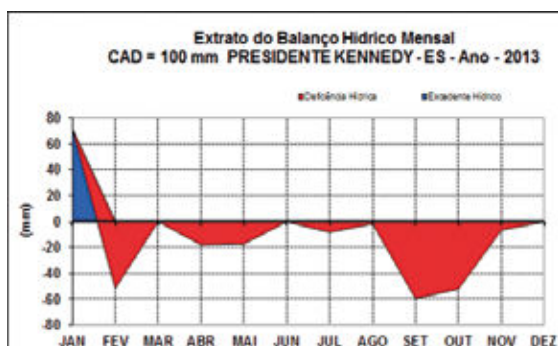
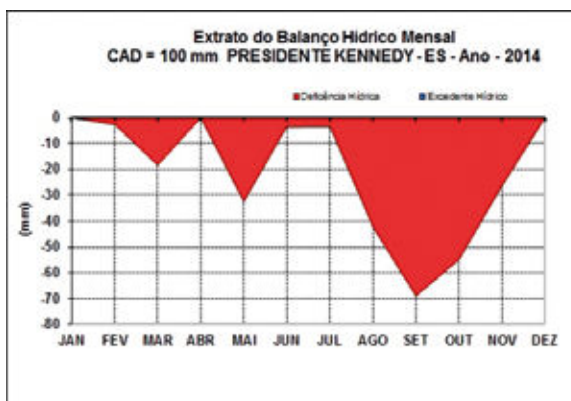
PRODUTORES JÁ TÊM RESULTADOS COM AS CAIXAS EM CURVA DE NÍVEL



João Teixeira de Souza, produtor rural, 74 anos de idade, atendido pelo Programa Olho d'Água, com caixa em curva de nível

"Além de ter uma represa há 34 anos, com o benefício do programa Olho D'Água fiz mais duas. Com a seca, a água diminuiu muito, mesmo com poços. Mas mesmo com poucas chuvas, as três represas têm água. É muito gratificante ver que mesmo depois de 10 dias sem chuvas ainda atolamos os pés na terra molhada, porque com esse sistema de caixas em curva de nível a água infiltra lentamente, não escorre mais tão rapidamente e vai embora como antes, apenas causando erosão".

EXTRATO DO BALANÇO HÍDRICO CLIMATOLÓGICO MENSAL EM PRESIDENTE KENNEDY-ES





Barragem e caixa em curva de nível construídas na zona rural em Presidente Kennedy

Foto RENILSON CHAGAS/IAH MAIS FILMES

RECUPERAÇÃO DE NASCENTES E MANANCIAIS

Ainda há muitas dúvidas sobre recuperação de nascentes e mananciais. Este assunto é recorrente. Produtores rurais, ambientalistas e órgãos reguladores desejam caminhar para o consenso e onde reine a coerência porque é imprescindível produzir com sustentabilidade.

A paisagem pode ser dividida em: (a) zonas de recarga – são constituídas pelos topos de morros e chapadas, possuem solos profundos e permeáveis, são fundamentais para o abastecimento do lençol freático. Devem ser mantidas sob vegetação nativa, pois a sua função de recarga pode ser prejudicada pela impermeabilização do solo decorrente de compactação ou contaminação do lençol freático por agrotóxicos carregados pelas águas que infiltram no solo; (b)

zonas de erosão – estão localizadas logo abaixo das zonas de recarga, onde se distribuem as vertentes em declives e comprimento de rampas favoráveis ao processo erosivo, podendo ser acelerado pelo uso impróprio. Nessas áreas, o escoamento superficial tende a predominar sobre o processo de infiltração. São responsáveis pelo carreamento de sedimentos que podem vir a causar assoreamento dos cursos d'água; (c) zonas de sedimentação – conhecidas também como bacias fluviais, são o segmento mais baixo da bacia hidrográfica. Possuem considerável aptidão agropecuária.

É nesta região que deve permanecer a vegetação ciliar de fundamental importância para a contenção de sedimentos, erosão das margens entre outros. A mata

ciliar, também designada como floresta ripária, mata de galeria, floresta beiradeira, floresta ripícola e ribeirinha é uma vegetação que ocorre ao longo dos cursos d'água (MARTINS, 2001). Ela é de suma importância para a manutenção

A conservação da água e do solo é de fundamental importância para a gestão dos recursos hídricos. As ações conservacionistas de água e solo compreendem um conjunto de medidas que possibilitam aumentar a quantidade de água disponível nas bacias, por meio da recarga adequada dos aquíferos, e a melhoria de sua qualidade, ao reduzir os processos erosivos e o volume de efluentes lançados nos corpos de água.

A situação de poluição hídrica tem-se agravado, considerando-se



Foto RENILSON CHAGAS/AH MAIS FILMES

Outra propriedade contemplada pelo programa Olho D'Água com construção de barragem.

o uso inadequado do solo, erosão, desmatamento, e uso inadequado de insumos agrícolas. Estes fatores, associados à distribuição anual de chuvas e às características climáticas levam a danos ambientais dos recursos hídricos, dentre os quais se destacam o aumento do transporte de sedimento e a contaminação orgânica e química das águas.

Apenas a recomposição da mata ciliar não é suficiente para recuperar a capacidade de produção de água de uma bacia hidrográfica. É de fundamental importância, para a recarga do lençol freático, a proteção das zonas de recarga acima das nascentes, por meio do uso da terra de acordo com sua capacidade e existência de matas de topos de morros.

Vale lembrar que o instrumento legal mais importante para disci-

plinar o uso e ocupação do solo é o Código Florestal, instituído pela Lei Federal nº. 4.771, de 15 de setembro de 1965, que, nos artigos 2º e 3º, trata das áreas de preservação permanente (APPs). A reserva legal é a área localizada no interior de uma

propriedade ou posse rural, excetuada a de preservação permanente, necessária ao uso sustentável dos recursos, a conservação e a reabilitação dos processos ecológicos, a conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção da fauna e da flora nativas.

Foto KÁTIA QUEDEVEZ



**Mostre o seu diferencial. Conheça o novo
MBA em Gestão do Agronegócio da FUCAPE.**



Informações:
www.fucape.br
27 4009.4425
cursos@fucape.br

MBA FUCAPE. O melhor lugar
para desenvolver seu talento
para os negócios.

FUCAPE
BUSINESS SCHOOL
DA GRADUAÇÃO AO DOUTORADO



PRODUTOR DESTAQUE - LOCALIDADE DE SÃO PAULO, PRESIDENTE KENNEDY

ELMIR BAHIENSE DA FONSECA, 78 ANOS DE IDADE

KÁTIA QUEDEVEZ / FOTOS KÁTIA QUEDEVEZ

✉ safraes@gmail.com

Ele não é conhecido pela grande produtividade do seu pedaço de terra, de 14,7 hectares (3 alqueires), localizado em São Paulo, zona rural de Presidente Kennedy. Nem ao menos tirou da roça o sustento da sua família, porque foi funcionário de empresas como Belgo Mineira e outras grandes corporações.

Aposentou-se há três anos, saiu de Vitória e partiu para cuidar da sua propriedade. Até se aposentar, as “idas para a roça” aconteciam apenas nos finais de semana, mas mesmo com essa frequência, Elmir já participava ativamente da vida da comunidade. “Morava na capital, mas sempre estive presente, inclusive como membro da Associação de Moradores local”, conta.

Elmir é um produtor ambientalista. Ele faz um trabalho de reservação de água e cobertura florestal que impressiona, levando-se em consideração a pequena extensão da sua área. São centenas de espécies nativas plantadas por ele e incorporadas à sua floresta, dentre elas pequiá, jatobá e mais de 50 pés de ipês, das espécies brancas, amarelas, roxas e rosa.

“Minha história começou ainda quando criança, vendo os passos do meu pai, que também era muito ligado a causas ambientais. Mas comecei com esse movimento de preservação ambiental em 1998”, relata Elmir.

Há aproximadamente vinte anos ele construiu uma represa e teve problemas com isso. “Fui denunciado por vários vizinhos quando decidi fazer a represa. As pessoas não entendiam que eu não queria roubar água de ninguém. Achavam que iria faltar água para eles, quando minha intenção era apenas segurar um pouco de água

na minha propriedade, ou seja, o que hoje todo mundo está fazendo. Hoje eles reconhecem que erraram e me apoiam nas minhas iniciativas”.

Vale lembrar que a legislação é rigorosa em relação a crimes ambientais, principalmente quando o assunto é abertura de represas e barragens. Com o agravamento da crise hídrica, os governos estão ponderando e flexibilizando a questão. E Elmir sofreu punições sobre suas ações na época da construção da represa.

“Fui autuado e obrigado a pagar altas taxas, mas nunca me abati. Sou defensor da natureza e não cometeria nenhum crime

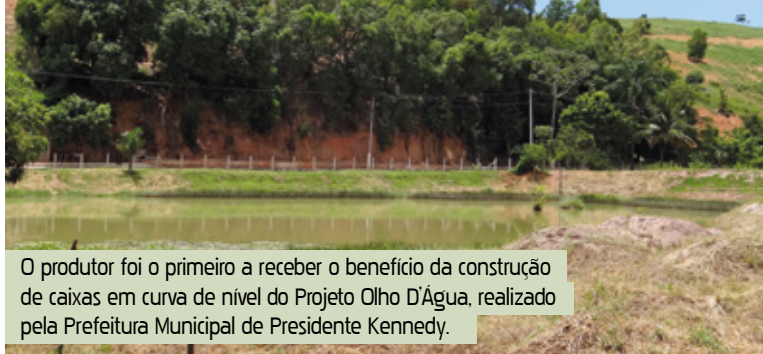
ambiental. Fui apenas incompreendido”, comenta Elmir com fala mansa de quem já superou muita coisa. “Essas dificuldades ficaram mesmo no passado”, conclui.

O produtor foi o primeiro a receber o benefício da construção de caixas em curva de nível do Projeto Olho D’Água, realizado pela Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy. A propriedade serve como modelo para eventuais ajustes que sejam necessários, como a angulação das escavações. “O trabalho das caixas em curvas de nível segura a água na terra e aumenta a cobertura florestal”, comenta o produtor.

“MINHA HISTÓRIA COMEÇOU AINDA
QUANDO CRIANÇA, VENDO OS PASSOS
DO MEU PAI, QUE TAMBÉM ERA MUITO
LIGADO A CAUSAS AMBIENTAIS.”
(ELMIR BAHIENSE)



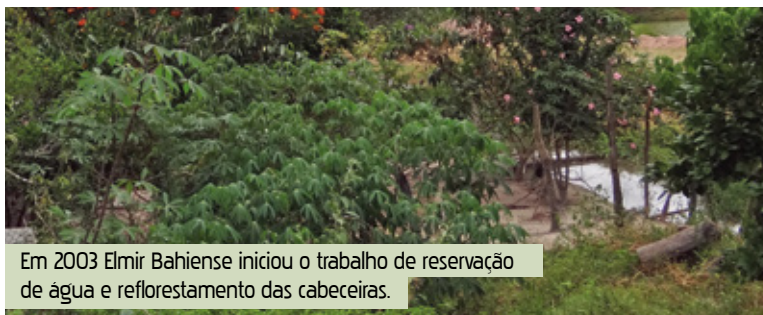
A casa principal da propriedade,
construída em 1924.



O produtor foi o primeiro a receber o benefício da construção de caixas em curva de nível do Projeto Olho D'Água, realizado pela Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy.

Elmir conta que nunca ganhou dinheiro suficiente na propriedade para se sustentar. O sustento vinha de outras ocupações, mas que a recompensa vem de outras formas.

“Sinto-me gratificado por ver a floresta brotando e crescendo com tanta força. E isso não tem dinheiro algum que pague”, conclui.



Em 2003 Elmir Bahiense iniciou o trabalho de reservação de água e reflorestamento das cabeceiras.



Hoje, são centenas de árvores frondosas, dentre elas algumas raras como pequiã, mais de 50 pés de ipês, das espécies brancas, amarelas, roxas e rosa e jatobá.

Zapt.

Display Inteligente

Simples, prático e eficiente.

Ideal para divulgação de seus produtos e serviços em campanhas promocionais no ponto de venda, eventos e ações de endomarketing.

Totem



Painel



Painel Modular



Pórtico



Mesa



Urna

Cubos



Inteligente porque otimiza sua verba!



TORABRAS

TRATAMENTO DE MADEIRAS EM AUTOCLAVE

**Eucalipto tratado - Estacas e Mourões - Esteios para Curral - Engradamentos - Postes até 12 metros
Dormentes tratados - Quiosques Deck - Madeiras para galpões - Réguas para curral - Chochos - Porteiras**

**PRODUTOS ECOLOGICAMENTE CORRETOS
COM 15 ANOS DE GARANTIA**



Telefax: 28 3521-2055

**Rod. Cachoeiro x Muqui, s/n - Aeroporto (ao lado da garagem da Costa Sul)
Cachoeiro de Itapemirim - ES | www.torabras.com.br**

DOS CRIMES AMBIENTAIS



RAYSA GEAQUINTO É ADVOGADA, CONSULTORA ORGANIZACIONAL, PROFESSORA UNIVERSITÁRIA, ESPECIALISTA EM GESTÃO DA QUALIDADE E PRODUTIVIDADE E EM DIREITO EMPRESARIAL E MESTRANDA EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS.

Em novembro, houve um dos maiores desastres ambientais da história do nosso país, em Mariana/MG, com consequências ainda não mensuráveis, para a fauna e flora nacional, além da dor e sofrimento da população. A falta de informação é a causa de muitos crimes ambientais, apesar de não ser no caso de Mariana, uma vez que se trata de uma multinacional.

Em razão deste acontecimento e da importância do conhecimento da lei pelos produtores rurais, nessa edição vamos tratar dos principais crimes ambientais e suas penas. A lei de Crimes Ambientais, Lei nº 9.605/1998, apresenta 36 crimes praticados contra o meio ambiente. Sendo que destes 27 estão relacionados ao meio rural. Por sua vez, a Lei 6.938/1981 dispõe sobre a Política Nacional de Meio Ambiente (PNAM). É necessário, inicialmente, destacar que a além das pessoas físicas, as pessoas jurídicas também podem ser penalizadas por crimes ambientais.

Quanto aos crimes contra a fauna terrestre, artigo 29 e seguintes da lei de crimes ambientais apresentam: Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes silvestres, nativos ou em rota migratória sem licença ou em desacordo; Vender, expor à venda ou adquirir, guardar, ter, utilizar ou transportar ovos, larvas, espécimes da fauna silvestre, nativa ou em rota migratória, bem como produtos oriundos dela sem a devida licença; Introduzir espécime animal no país sem licença; praticar atos de abuso, maus tratos, ferir, mutilar animais; dentre outros.

Por sua vez, os crimes contra a fauna aquática, são: Causar degradação em viveiros, açudes ou estações de aquicultura públicas; Pescar espécies que devam ser preservadas ou com tamanho inferior ao permitido; Pescar quantidades superiores ou mediante a utilização de aparelhos, técnicas e métodos não per-

mitidos; Pescar mediante a utilização de explosivos ou meios proibidos. Dentre outros.

Pode-se notar que a continuidade das espécies nativas e silvestres é o principal escopo. Uma vez que além da proteção das existentes e das futuras, a introdução de animais de outros biomas no país também é proibida. Lembrando que estas leis são federais, existem também, as legislações estaduais. Que são mais específicas para cada região.

Por fim, dos crimes contra a flora, podemos elencar os principais, a partir do artigo 38 e seguintes da Lei de Crimes Ambientais: Extração de minerais em florestas; Destruir ou danificar florestas nativas ou plantadas; Fabricar, vender, transportar ou soltar balões; Comercializar/utilizar motosserra sem licença da autoridade competente; Cortar/transformar em carvão madeira de lei; Receber, adquirir, vender, ter em depósito, transportar, guardar, para fins comerciais, madeira carvão e qualquer produto de origem vegetal sem a devida licença; e outros.

As penas, por serem de pequeno potencial ofensivo, podem ser substituídas por penas alternativas a prisão, tais como: limitação de fim de semana; prestação de serviço à comunidade ou a entidades públicas; e perda de bens e valores. Sendo que ainda pode haver multa. A multa pode variar de R\$ 50,00 (cinquenta reais) a R\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de reais).

Em algumas circunstâncias podem agravar a pena, tais como: a repetição; objetivo financeiro; afetar ou expor a perigo, de maneira grave, a saúde pública ou o meio ambiente; danificar a propriedade alheia; praticar em época de secas ou inundações; atingir espécies ameaçadas; praticar o crime com abuso de licença, mediante fraude ou abuso de confiança; praticar o crime no interesse de pessoa jurídica mantida por verbas públicas ou beneficiada por incentivos fiscais.

Antes de pensar em limpar o terreno com fogo, cortar uma árvore ou pescar durante o defeso, por exemplo, reflita sobre as consequências de seus atos, sobre os efeitos para as futuras gerações e, ainda, sobre as possíveis penas.

As penas, por serem de pequeno potencial ofensivo, podem ser substituídas por penas alternativas a prisão, tais como: limitação de fim de semana; interdição temporária de direitos; prestação de serviço à comunidade ou a entidades públicas; e perda de bens e valores. Sendo que na maioria dos crimes, ainda há a multa, que não se confunde com a prestação pecuniária. A multa pode variar de R\$ 50,00 (cinquenta reais) a R\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de reais).

Em algumas circunstâncias podem agravar a pena, tais como: a repetição; objetivo financeiro; obrigar a terceiros a cometer um crime ambiental; afetar ou expor a perigo, de maneira grave, a saúde pública ou o meio ambiente; danificar a propriedade alheia; atingir áreas de conservação ou de uso especial; atingir áreas urbanas; praticar o crime em períodos de defeso; praticar o crime em domingos, feriados ou à noite; praticar em época de secas ou inundações; concorrer para diminuição de águas naturais, para a erosão do solo ou para modificação do regime climático; atingir espécies ameaçadas;

praticar o crime com abuso de licença, mediante fraude ou abuso de confiança; praticar o crime no interesse de pessoa jurídica mantida por verbas públicas ou beneficiada por incentivos fiscais.

Existem também as hipóteses para abrandamento da pena: baixo grau de instrução ou escolaridade do infrator; arrependimento do infrator, reparando o dano livremente; comunicação prévia, pelo infrator, da existência de perigo de degradação ambiental; colaboração com os órgãos de vigilância e controle ambiental.

Lembrando que estas leis são federais, ou seja, válidas em todo o território nacional. Existem também, as legislações estaduais. Que podem trazer uma lista maior de crimes, ainda mais específicos para sua região.

Antes de pensar em limpar o terreno com fogo, cortar uma árvore ou pescar durante o defeso, por exemplo, reflita sobre as consequências de seus atos, sobre os efeitos para as futuras gerações e, ainda, sobre as possíveis penas.

A SOLUÇÃO EM TECNOLOGIA E PRODUTIVIDADE PARA AS SUAS NECESSIDADES NO CAMPO.

✂ Assistência Técnica Especializada

⚙ Peças Originais Valtra

Financiamentos facilitados e Consórcio Nacional Valtra.

Muito mais facilidades para você ter o seu trator!

**PIANNA
VALTRA**

Cachoeiro de Itapemirim - ES
Av. Jones dos Santos Neves, 105

28 3526-5400

www.piannarural.com.br

QUEM MATOU O RIO DOCE?



ROBERTSON VALLADÃO DE AZEREDO
É ENGENHEIRO AGRÔNOMO

Temos acompanhado as notícias a respeito do rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração pertencente à Samarco (Vale e BHP), localizada no Município de Mariana, em Minas Gerais.

Assunto controverso, enquanto alguns especialistas dizem que o Rio Doce está “definitivamente morto”, outros afirmam que ele está “temporariamente morto”, mas vai ressuscitar em breve. De qualquer modo, hoje, ele está morto. Sem controvérsia, no entanto, é a morte de 11 pessoas, cujos corpos já foram localizados e outras 12, que ainda estão desaparecidas.

O foco das atenções da imprensa e das autoridades, porém, não são os mortos e os desaparecidos, mas os possíveis prejuízos causados ao Rio Doce. Algumas cidades temporariamente sem água e pescadores sem trabalho, tem ocupado a maior parte do noticiário. Nota-se, também, uma grande movimentação em torno do valor da multa a ser aplicada às empresas responsáveis pela tragédia: R\$ 250 milhões? É pouco! R\$ 1 bilhão, talvez. Que tal R\$ 20 bilhões? Afinal, são empresas grandes, cujo prestígio entre os clientes precisa ser mantido “a qualquer custo”.

É natural que o responsável por um acidente desta natureza e nestas proporções, tenha que pagar pelo que fez. Quanto a isso, não há a menor dúvida. Mas, a questão é: de fato, quem matou o Rio Doce? Não serão os mesmo que estão matando o Rio Itapemirim, o Itabapoana, o Jucú, o Santa Maria, o Benevente...? Nossos rios estão agonizando há muito tempo. Nossa água está acabando não é de hoje!

A crise hídrica que estamos vivendo agora, não começou ontem. Não é mais novidade para ninguém que as fontes de água potável estão se esgotando.

Em 1976, ainda estudante de agronomia em Alegre, ouvi do ambientalista gaúcho José Lutzenberger, a seguinte afirmação: “daqui a 50 anos, vai faltar água potável para a maioria das grandes cidades do Brasil!” Confesso que ri dele e, como todos os colegas que estavam ali, achei que o homem era maluco. Hoje, 40 anos depois, a profecia está se cumprindo. Infelizmente, ele estava certo!

O acidente de Mariana foi mais um evento para contribuir neste processo de eutanásia dos rios capixabas e eu acho que só causou todo este

alvoroço porque sujou a água do Rio, mas o assoreamento vem acontecendo há dezenas de anos, sem qualquer reação, de quem quer que seja. O esgoto industrial e doméstico continua poluindo os rios e córregos, sem nenhum controle, toneladas de agrotóxicos são despejadas por aí, anualmente. Até o lençol freático está contaminado. O que dizer do desflorestamento, do uso indevido do solo e da água, da pesca criminosa, das construções ribeirinhas e de tantas outras práticas predatórias? Segundo dados não oficiais, antes do acidente, o Rio Doce era o 10º mais poluído do Brasil e o 1º de Minas Gerais. Essa agonia vem de longe!

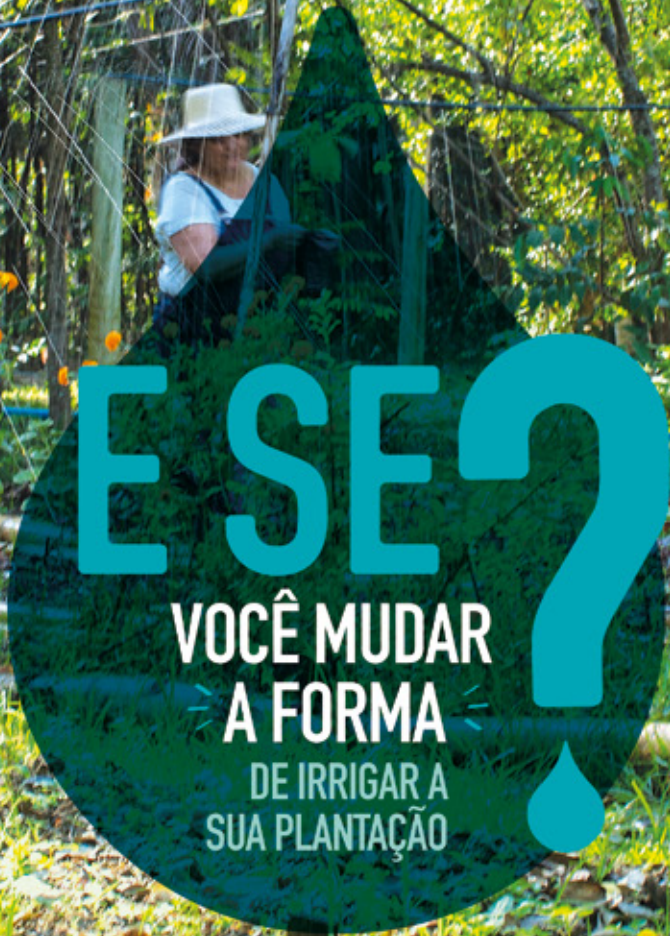
Agora estamos sendo tentados a acreditar que a culpa de todos os males é da Samarco e que temos quem nos defenda quando surge algum problema ou ameaça. Somos induzidos a concordar com a suficiência da punição financeira aplicada à empresa dona da barragem (quanto maior a cifra, mais tranquilos ficamos). Afinal, ela é merecida e, talvez, estes recursos (ou uma parte deles) sejam mesmo aplicados na recuperação do rio. Mas onde estão os projetos para evitar novos acidentes? Onde estão as propostas para recuperação das Bacias Hidrográficas de paisagem tristes e desérticas de todos os nossos rios (não só a do Rio Doce)?

Não há argumento que diminua a responsabilidade da Samarco e, pelo que tenho visto, nem ela mesma está tentando fazer isso. Naturalmente, ela tem que assumir aquilo que lhe compete no caso, segundo a lei e eu acredito que ela vai assumir.

Quem sabe este acidente não tenha sido a gota que faltava para soar ao alarme, lembrando que é preciso olhar para o meio ambiente com os olhos de um ecologista utópico e acreditar que, embora tarde, ainda dá tempo de salvar o que resta e recuperar parte do que se perdeu?

Quanto tempo falta para que os moradores da Grande Vitória ou de Cachoeiro de Itapemirim estejam implorando por carros-pipa e outras alternativas de abastecimento? Quando teremos um plano de ação realmente consistente e coerente coma gravidade da situação? Quando a imprensa, as escolas, as igrejas, as empresas e as pessoas vão prestar atenção na situação dos rios, que já não correm em direção ao mar, mas escorrem, lentamente, numa agonia dolorida entre as pedras e os bancos de areia? E talvez nem cheguem lá!

A verdade é que estamos vulneráveis demais! Dependentes demais de cursos d'água agonizantes, que de uma hora para a outra podem secar definitivamente! E não há plano B! Temos diversos pacientes no CTI, de norte a sul deste estado. Todos em estado crítico. Um deles piorou muito! O que vamos fazer?



E SE?

VOCÊ MUDAR
A FORMA
DE IRRIGAR A
SUA PLANTAÇÃO

O Governo do Estado está realizando o maior esforço ambiental já visto para enfrentar uma das piores secas da história do Espírito Santo. Assim, investe mais de R\$ 1 bilhão no Programa Águas e Paisagens, além da recuperação de 20 mil hectares de florestas, da construção do Sistema de Abastecimento de Água de Reis Magos e de 32 barragens para armazenamento de água no interior do Espírito Santo. Além das ações que incluem restrições à indústria e ao agronegócio.

Mesmo assim, a sua participação é fundamental. Você sabia que a microaspersão e o gotejamento são as formas mais econômicas de irrigar? Mude e colabore com o Espírito Santo para vencer esse desafio.

NÃO DEPENDE DO ACASO.
DEPENDE DE TODOS.

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

Secretaria de Estado da
Agricultura, Abastecimento,
Aquicultura e Pesca



UM NOVO HORIZONTE PARA TODOS

Com a Fibria e o Espírito Santo caminhando lado a lado



Marivaldo Tessarolo e José Antônio Tessarolo,
produtores rurais, em Aracruz (ES)

A **Fibria** tem uma ligação histórica com o Espírito Santo. Há 25 anos, o Poupança Florestal incentiva a plantação de eucalipto e contribui com a geração de renda para os agricultores capixabas. Assim, incentivamos o crescimento do estado, gerando empregos, desenvolvimento e qualidade de vida para todos.



Acesse facebook.com/fibriabrasil



www.fibria.com.br